

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
NÚCLEO DE MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA

*(...) SOMOS QUEM PODEMOS SER, SONHOS QUE PODEMOS TER (...): O
CONCEITO DE SEXUALIDADE NO GRUPO DE JOVENS DO
ASSENTAMENTO PEDRO E INÁCIO*

Danielly Spósito Pessoa de Melo

FORTALEZA

Dezembro de 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
NÚCLEO DE MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA

(...) SOMOS QUEM PODEMOS SER, SONHOS QUE PODEMOS TER (...):
SEXUALIDADE NO GRUPO DE JOVENS DO ASSENTAMENTO PEDRO E
INÁCIO

Danielly Spósito Pessoa de Melo

Dissertação apresentada ao curso
de Mestrado em Educação como
requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Educação.

Fortaleza

Dezembro de 2003

(...) SOMOS QUEM PODEMOS SER, SONHOS QUE PODEMOS TER (...):
SEXUALIDADE NO GRUPO DE JOVENS DO ASSENTAMENTO PEDRO E
INÁCIO

Danielly Spósito Pessoa de Melo

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Sandra Haydée Petit

Doutora em Ciências da Educação

Professora da Faculdade de Educação – UFC

Grace Troccoli Vitorino

Doutora em Educação Brasileira

Professora da Faculdade de Educação – UNIFOR

Tânia Maria Leal Barbosa

Doutora em Fitotecnia

Professora do Centro de Educação – UECE

A todos os homens e as mulheres
que um dia tombaram em busca dos
sonhos de uma coletividade.

*Não devemos ter medo dos confrontos.
Até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas.*

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Foi durante os dois anos na Pós Graduação que realmente aprendi e percebi que cada dia de nossas vidas significa a (des)construção e reconstrução de novos conhecimentos. E a realização deste trabalho fez parte de um processo dinâmico construído por homens e mulheres que – direta ou indiretamente- através de ações, discussões e palavras de incentivo deixaram um pouco de cada um/a deles/as em mim, como já dizia Gonzaguinha (...) *é tão bom quando a gente sente, que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá.*

Mas mesmo que tentasse não conseguiria colocar o nome de todas as pessoas que fizeram parte desta realização. Mas, quero dizer obrigada aos amigos e amigas que durante os vinte e oito anos participaram da minha construção.

O principal fator da realização deste se deu pela recepção e disponibilidade dos/as jovens do assentamento e do MST, que, além de acreditarem na pesquisa, contagiou com força e determinação todos/as que foram comigo ao assentamento. A caminhada é longa e o MST compreende que saber o caminho não é igual a percorre-lo.

À orientadora Sandra Petit que com uma eterna paciência entendeu todos meus processos e acreditou neste trabalho.

À minha mãe que participou de um dos encontros e sempre se fez disponível em todos momentos de minha vida.

Ao meu galego, meu irmão Júlio pelas conversas filosóficas e reflexivas, que me faz cada dia ter mais e mais orgulho de ser sua irmã.

Ao meu pai e meus irmãos Pedro, Beto e Diego.

A Rivânia que dividiu e compartilhou todo processo da pesquisa comigo, as alegrias, as tristezas, enfim, todos os sentimentos. Sempre amiga e companheira, ouviu e partilhou todas as minhas angústias.

Aos companheiros e companheiras da sociopoética, pela descoberta e amadurecimento.

Às minhas amigas cearenses: Ana Cristina, Mércia e Diana cada uma com seu jeito de ser único e especial. Amigas que compartilharam indagações, noites alegres e cansativas.

À Eliana pelas grandes contribuições que compõe nessa pesquisa.

Aos meus amigos do MESS, que também auxiliaram no processo de amadurecimento da pesquisa: Eliana, Roger, Tércio, Patrícia, Ivo.

À professora Waldecy Colaço que durante cinco anos compartilhou idéias comigo e hoje já não está mais conosco.

Aos que fazem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que durante este período nos mostrou a grandeza e dignidade de uma luta que deve ser construída coletivamente, tendo a liberdade seja o valor fundamental.

A CAPES pelo apoio financeiro dado a esta pesquisa.

RESUMO

A vivência da sexualidade humana está relacionada à busca ininterrupta do ser humano: a felicidade. No dia a dia e durante toda sua existência o homem e a mulher buscam concretizar seus sonhos e desejos, é a tentativa de encontro da realização humana. Nesse meio tempo ele/a aprendem que há sentimentos, emoções e fantasias que é “permitido” expressar, e, outros reprimidos. Tal relação deve-se a dupla referência da sexualidade: impulsos biológicos e regulamentação social. Neste sentido, esta proposta procura fundar a investigação sobre a sexualidade nos marcos da cultura e da sociedade, desvinculando-se de qualquer forma de essencialismo e recusando, a concepção naturalizada da sexualidade. Através de uma investigação realizada no Assentamento Pedro e Inácio (Camarazal) no Estado de Pernambuco busquei apreender os significados que o grupo de jovens produz frente à questão da sexualidade, levando em conta que perpassa toda discussão das relações entre os gêneros. Dessa forma, recorri a Sociopoética, uma forma de abordagem que acredita no conhecimento produzido em todos os sentidos, inclusive o corpo, como um todo. Parte daí a idéia de utilizar técnicas que possam contribuir para aflorar inúmeras dimensões do saber humano. Conforme apresenta a proposta da sociopoética foi criado um O grupo pesquisador foi composto por doze jovens entre. Conforme o propósito da Sociopoética foi formado um grupo de co-pesquisadores/as, onde os/as participantes tornaram-se co-pesquisadores e eu a facilitadora. Todo o processo de pesquisa foi circunscrito mediante oficinas com os co-pesquisadores que participaram de todos os momentos da investigação, desde a escolha da temática e inclusive das análises. A análise dos conceitos produzidos nos dispositivos utilizados me permite efetuar algumas inferências acerca do fenômeno investigado. A principio percebi que o termo sexualidade para muitos tem a conotação de relação sexual. Portanto, descobrir a sexualidade envolve o momento de vivência do sexo. Observei ainda que o grupo vislumbrou a existência de vários pontos diferenciais entre o homem e a mulher quando se falar em viver a sexualidade. É, portanto, essa pesquisa, composta por um conjunto de múltiplos aprendizados e descobertas para todos que a compuseram.

ABSTRACT

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: EXPLORANDO A CAMINHADA

1. (...) *Você tem fome de que? Você tem sede de que? (...)*: envolvimento político e pessoal com a temática.....13
2. Breve explicitação da composição do trabalho.....19

CAPÍTULO I – (...) VERTENTE DE MUITAS GERAÇÕES (...): O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

- 1.1. Gênese e desenvolvimento do MST21
- 1.2. Organização e princípios do MST28
- 1.3. O MST em Pernambuco e a luta do Assentamento Pedro e Inácio33

CAPÍTULO II – GÊNERO E SEXUALIDADE: VITÓRIAS E CONQUISTAS

- 2.1. A evolução do debate de gênero.....42
- 2.2. Sexualidade: resistências e temores?49
- 2.3. MST e gênero: proposição de trabalho54

CAPÍTULO III – CANTAR (...) A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: SINALIZANDO UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA

- 3.1. *Só não existe o que não pode ser imaginado*: a proposta da sociopoética.....61
 - 3.1.1. As fases da pesquisa sociopoética.....64
- 3.2. Os primeiros contatos com o Assentamento Pedro e Inácio67
 - 3.2.1. Perfil do grupo co-pesquisador.....70

CAPÍTULO IV – EXPERIMENTANDO A PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. A Viagem pela ponte do imaginário.....	74
4.1.1. Análise plástica.....	79
4.1.2. Análise classificatória.....	85
4.1.3. Análise transversal.....	96
4.2. A Vivência dos lugares geomíticos.....	98
4.2.1. Análise classificatória	108
4.2.2. Análise transversal.....	110
4.3. A contra-análise.....	112
4.3.1. Alguns comentários sobre a contra-análise.....	121

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. As contribuições da SCP para a pesquisa	124
2. Refletindo acerca da realidade do debate de gênero no MST.....	125
3. Uma síntese analítica dos dados	128

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	131
--------------------------------------	------------

ANEXOS

APRESENTAÇÃO: EXPLORANDO A CAMINHADA

1. (...) *Você tem fome de que? Você tem sede de que?* (...): **Envolvimento político e pessoal com a temática**

O pescador faz suas redes com os fios.

O cientista faz, com palavras.

Rubem Alves

Toda pesquisa parte de alguma dúvida, de algum questionamento. No caso desta pesquisa são principalmente duas inquietações que moveram a elaboração deste projeto.

A primeira refere-se à minha formação profissional. Vim de uma universidade particular que não dava ênfase à pesquisa, e foi no Movimento Estudantil (ME) que encontrei uma forma de cruzar meus conhecimentos teóricos com a prática. No ME os horizontes foram se ampliando, principalmente quando me tornei membro do Diretório Acadêmico de Serviço Social (DASS) e posteriormente da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO).

Durante a caminhada no ME tive inúmeros contatos com militantes e universitários que procuravam contribuir de alguma forma com o MST. O fato do Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) ser composto em sua maioria por mulheres, influenciou os grupos políticos, pois buscou-se levantar e aprofundar o debate sobre gênero.

A segunda inquietação diz respeito à minha militância junto ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), onde tive a oportunidade de ligar o conhecimento acadêmico à realidade social. Junto às articulações com o MST, em 2000, participei do I Estágio Interdisciplinar de Vivência em Assentamentos Rurais do MST, organizado pelo Mestrado de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e MST.

No processo de organização do Estágio de Vivência, realizamos reuniões e encontros prévios que levaram à formação de um grupo com catorze estudantes das mais diversas áreas (serviço social, educação física, psicologia,

pedagogia, antropologia, direito e edificações). Após três meses de preparação o estágio aconteceu em janeiro/2000.

Durante vinte dias deixamos nossos hábitos para “conviver e viver” como assentados/as. O grupo foi dividido entre dois assentamentos de Pernambuco que margeavam o Rio São Francisco (Ouro Verde e Vitória). Cada participante foi recebido/a por sua nova família.

No meu caso fui alojada no Assentamento Ouro Verde onde ganhei uma nova “família” e participei do cotidiano do assentamento indo, por exemplo, para a roça. Desta forma, acompanhei as atividades destinadas às “mulheres da casa”, expressão utilizada para definir a divisão de tarefas do cotidiano.

Foi na prática que percebi a amplitude da luta do MST. A conquista da posse da terra traz outras demandas aos/as assentados/as como a luta pela saúde, por educação, por financiamentos e outras necessidades básicas para a sobrevivência do/a trabalhador/a do campo.

Antes do estágio tinha uma *visão romântica do MST*, achava que tudo funcionava conforme suas teorias e estratégias, mas na convivência transpareceu a realidade do/a assentado/a, fazendo-me perceber que as mudanças precisam ir além da estrutura objetiva (latifúndio) e perpassar também a subjetividade (valores).

Após a vivência, nos reencontramos durante dois dias para socializar as experiências. Naquele momento notei que o estágio não foi uma surpresa apenas para mim, mas para todo o grupo. Fomos acordados/as e sacudidos/as com a fala de Adriana – aluna do curso de edificações da Escola Técnica Federal de Pernambuco – que expressou com perfeição a angústia de todos/as. *Pensava o MST perfeito, que todas suas propostas estavam sendo colocadas em prática.*

Com o fim do estágio iniciou-se um novo momento. O grupo continuou a proporcionar debates e reuniões. E a maior conquista foi organizar seminários itinerantes nas universidades do Estado, com o objetivo de difundir a idéia do estágio e divulgar o MST.

A experiência me fez reconhecer elementos sensíveis para uma pesquisa. E nessa perspectiva dei continuidade à minha busca por uma formação

profissional que se envolve com o ato de pesquisar. Observando a forma O tratamento que a mídia dava aos fatos acontecidos com o MST, objetivei desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o MST. Daí vieram às dúvidas. O que tratar? Onde? Como?

Seria impossível desenvolver uma pesquisa sem que meus interesses pessoais e políticos estivessem em primeiro plano. Então, com a certeza de trabalhar com o MST e sob a afirmação de que o TCC poderia trazer uma contribuição, procurei sua coordenação estadual/PE.

No momento de conversa com Jaime Amorim (coordenador estadual do MST), este me apresentou algumas possibilidades de pesquisa e de temas (juventude, meio ambiente e gênero) que poderiam ser de interesse do MST.

O MST escolheu que a pesquisa fosse direcionada para a temática de gênero, tendo em vista que a região a ser pesquisada – Zona da Mata Norte – é coordenada por uma mulher (Luiza) de forte expressão no MST. Elegida a região, restava apenas o assentamento. Então o MST indicou o Assentamento Rural Pedro e Inácio devido à sua história de luta.

O TCC¹ objetivou analisar de que forma a proposta de relações de gênero do MST se materializava no cotidiano do assentamento e assim apontar elementos que possibilitassem uma futura intervenção elaborada e sistematizada pelo Serviço Social a partir da realidade dos atores sociais do assentamento.

Vale, dizer que toda pesquisa, por mais crítica e autocrítica que seja, descobre e encobre a realidade, por várias razões: por que o olhar é seletivo, conforme seus métodos; porque as hipóteses de trabalho privilegiam caminhos em detrimento de outros; porque todo dado é predeterminado; porque a presença do sujeito nunca é gratuita (Demo, 2000:112).

¹ A monografia teve como título: O homem e a mulher coletivos sentem necessidade de lutar.

Na pesquisa trabalhamos² com oficinas no intuito de perceber os valores construídos e reproduzidos pelos/as assentados/as. Foram cinco oficinas no total, duas desenvolvidas em separado (homens e mulheres) e ao final uma grande oficina reunindo a todos os homens e mulheres envolvidos. Esta foi uma das análises realizadas em nossas oficinas:

Nos demais painéis, apesar de muitos terem apenas figuras coladas, ficou claro em suas construções que no espaço determinado para o homem foram coladas figuras de mobilizações, de jogadores de futebol, de um carro carregado de mercadorias, de armas, de uma mulher na cama servindo ao marido e de executivos. Já no espaço determinado para as mulheres foram apresentadas figuras de donas de casa cuidando de filhos/as, do marido, da organização do lar (Robert & Spósito, 2000:77).

Identificadas e sistematizadas algumas problemáticas referentes a gênero no assentamento, tratamos de refletir acerca das ações do Serviço Social:

Ao Serviço Social no MST cabe indicar em sua prática uma proposta orientada a partir da realidade em que será desenvolvida. De nada adianta darmos fórmulas mágicas para resolução dos problemas sociais. Cabe a nós, enquanto profissionais comprometidos/as com as classes sociais excluídas e que reconhecemos a liberdade enquanto valor ético central, buscar (des)construir e (re)construir coletivamente, juntamente ao MST, novas propostas que superem a dicotomia existente (Robert & Spósito, 2000:86).

Em seus debates e em sua proposta de gênero o MST pressupõe que o surgimento de uma nova consciência se dá em um processo coletivo e no interior das relações mulheres X homens, homens X homens e mulheres X mulheres. Trabalha com a formação do coletivo³ de gênero no intuito de inserir o debate nos assentamentos, percorrendo desde a vida familiar (dentro de

² No curso de Serviço Social da UNICAP é permitido que as monografias sejam realizadas por mais de uma pessoa até o máximo de cinco estudantes. Neste caso a pesquisa foi realizada em dupla.

³ O MST adota um princípio organizativo que defende sua aplicação para o crescimento do movimento, propondo a descentralização da direção. São estes os setores e coletivos – Produção, formação, educação, frente de massa, comunicação, finanças, gênero, saúde, relações internacionais – que se espalham e articulam as regiões, estados e cidades.

casa) até os espaços de educação formal (creches e escolas), partindo dos seguintes encaminhamentos:

Fazer com que meninos e meninas participem igualmente dos serviços domésticos; Permitir que meninos e meninas tenham igual oportunidade no acesso à educação e ao lazer; Debater o tema com pais, mães, professores, professoras, trabalhadores e trabalhadoras; Organizar debates e dias de estudo sobre a educação que recebemos e que estamos dando a nossos filhos e alunos; Refletir sobre as imagens de homens e mulheres que aparecem nos livros escolares, nas revistas, jornais e novelas de TV; Reforçar a não discriminação nas atitudes pedagógicas: desenhos, histórias, cartazes, dramatizações e brincadeiras; Estabelecer rotatividade nas tarefas, com regras iguais para meninos e meninas (MST, 1998: 21)

Para o MST é tempo de repensar e reorganizar suas estratégias. *Aprender é a maior prova de maleabilidade do ser humano, porque, mais que se adaptar à realidade, passa a nela intervir (Demo, 2000:47).*

Para descobrir e criar é preciso primeiramente questionar. Tal como diz Rubem Alves (2000: 99), o cientista faz suas redes com palavras. Ou seja, se observarmos bem, o pescador produz a rede de acordo com o seu desejo. Se o pescador deseja pegar peixes pequenos, o espaço entre cada fio é menor, se grande, o espaço também aumenta.

A vivência proporcionada durante a produção do TCC me fez compreender a realidade sob um olhar mais crítico, questionador e curioso, despertando o interesse em transformar minhas inquietações em objeto de estudo.

Parto do princípio que os grupos existentes no assentamento Pedro e Inácio são de fundamental importância para o desenvolvimento da comunidade. Torna-se necessário então, fazer uma leitura dos valores que norteiam o processo coletivo e de que forma se expressa a dimensão educativa do grupo dos jovens no cotidiano do assentamento.

A questão mobilizadora deste projeto foi sendo construída no dia-a-dia. Nos momentos de reflexão individual e coletiva e nos espaços proporcionados pelo MST percebo esta pesquisa como uma possível contribuição para apontar caminhos de abrandamento das dificuldades que o MST enfrenta.

A pesquisa foi realizada no Assentamento Pedro e Inácio – localizado na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco e desenvolvida com o Grupo de Jovens do local. Contou com a participação de 12 pessoas, na sua maioria mulheres. Através da sociopoética e da abordagem no grupo de jovens busco:

- De que forma as relações de gênero refletem na sexualidade do Grupo de Jovens (GJ)?
- O que pensam os/as jovens sobre sexualidade e de que forma eles se percebem enquanto homens e mulheres?

Tendo em vista o exposto, o presente projeto pretende perceber de que forma se dá a construção de gênero no espaço do Grupo de Jovens (GP) do Assentamento Pedro e Inácio.

2. Breve explicitação da composição do trabalho

O trabalho está dividido da seguinte forma:

APRESENTAÇÃO: EXPLORANDO A CAMINHADA

Expõe todo processo que delinee para chegar ao tema de estudo, deixando claro o envolvimento com o ME o que resultando na busca de conhecer/decifrar o MST. Aponta alguns elementos da pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão de Curso, que conseqüentemente me levo ao Mestrado. Além disso, traz a tona fatores alusivos que me levaram ao encontro da Sociopoética.

CAPÍTULO I – (...) VERTENTE DE MUITAS GERAÇÕES (...): O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Apresenta uma contextualização geral do MST, enfatizando sua gênese e seu desenvolvimento no cenário político do país, além de explicitar sua forma de organização interna. Tem como intuito desenhar o cenário do MST-PE, assim como retratar o Assentamento Rural Pedro e Inácio em sua atual conjuntura.

CAPÍTULO II – GÊNERO E SEXUALIDADE

A relação entre os gêneros se configura de forma complexa e compreendê-la exige olhar para várias dimensões. Aqui é abordada a constituição histórica da categoria gênero, navegando nas lutas feministas que aos poucos passaram a agregar a discussão da sexualidade em seu debate teórico. Traz também o atual debate estabelecido pelo MST frente às relações de gênero.

CAPÍTULO III – CANTAR (...) A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: SINALIZANDO UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA

Explicita a proposta da SCP e descreve minuciosamente todos os momentos da sociopoética. Além disso, apresenta o processo de formação do GP no assentamento e sua composição.

CAPÍTULO V – EXPERIMENTANDO A PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Explicita as técnicas utilizadas – a viagem pela ponte do imaginário e a vivência dos lugares geomíticos – descrevendo o seu desenrolar, a forma como se deram as exposições dos dados produzidos e os momentos de análises. Segue cada passo, desde a análise plástica até a contra-análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expõe as idéias que emergiram no desenvolver da pesquisa. Nesse momento é realizada uma articulação entre os dados que surgiram durante a produção do GP, além de apresentar algumas propostas.

CAPÍTULO I – (...) VERTENTE DE MUITAS GERAÇÕES (...):O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

O Brasil é o maior país de América Latina⁴, e o 5º maior do mundo em área total, com território de 8.547.403,5 km². O mapa do Brasil está dividido entre grande (56,7%), média (19,9%) e pequena (23,4%) propriedade, sendo elas classificadas entre produtivas (26,3%), não produtivas (62,4%) e não classificadas (9,2%). A grande propriedade está nas mãos de 2,8% de proprietários. A média está nas mãos de 8% de proprietários, enquanto que 89,1% de proprietários detêm a pequena. Conclui-se que o problema da reforma agrária no Brasil não se trata de falta de terra, pois em meio à vastidão que integra a área total do país, a grande maioria é classificada enquanto terra improdutiva.

No Brasil o debate da reforma agrária é uma política recente que ganhou força com o advento das organizações políticas camponesas, principalmente, na década de 50 com o surgimento das Ligas Camponesas. Todavia, a luta pela terra nasceu com a formação do latifúndio.

(...) o próprio capital impôs, no Brasil moderno a luta pela terra, como luta contra a propriedade capitalista da terra. É a terra de trabalho contra a terra de negócios (Martins, 1991:56).

O Brasil das doações, cessões, apostamentos, afinal, das sesmarias que iniciaram os latifúndios em suas quadras e léguas, conviveu e convive com grandes conflitos no campo, causando violência e perseguição que abalam as famílias trabalhadoras do campo.

Falar do MST significa antes de tudo resgatar as formas de resistência do/a trabalhador/a do campo ao sistema latifundiário, percebendo a luta pela reforma agrária a partir da seguinte configuração: a ocupação da terra como forma, espaço de luta e resistência camponesa; a intensificação da concentração fundiária como resultado da exploração e das desigualdades

⁴ Fonte: folha de São Paulo, 19/05/96 - Brasil 1-9.

geradas pelas políticas inerentes ao sistema socioeconômico e a reforma agrária como política pública possível de minimizar o problema fundiário.

Neste capítulo apresento o MST, traçando fatos importantes de sua gênese e apresentando seus princípios norteadores. Faço aqui um pequeno resgate histórico de sua luta, como forma de contextualizar os problemas que o latifúndio causa ao/a trabalhador/a rural, e as estratégias que o MST encontrou para valorizar a resistência e a terra.

Prossigo com uma breve análise do sistema político do Brasil, que ainda hoje se nutre do clientelismo, das trocas de favores principalmente entre os grupos dominantes (economicamente) como forma legítima da concessão de poder. São de fato as alianças políticas que se apresentam como elemento fundamental para a apropriação da máquina estatal, instrumentos que garantem a reprodução do capital e determinam as prioridades do sistema financeiro governamental.

1.1. Gênese e Desenvolvimento do MST

Para que possamos falar da gênese do MST, é necessário que analisemos três fatores considerados determinantes para o seu surgimento.

O primeiro deles é o contexto sócio-econômico. A década de 70 foi caracterizada pelo início da mecanização da lavoura – através da inserção da forma de produção capitalista no campo – o que causou a expulsão dos/as trabalhadores do campo, principalmente no Rio Grande do Sul com a cultura do trigo, e, no Paraná, com a de café. A este processo de desenvolvimento da agricultura José Graziano da Silva chamou de “modernização dolorosa”.

Estes/as trabalhadores/as – antes arrendatários/as, parceiros/as e filhos/as de pequenos/as agricultores/as – foram obrigados/as a migrar às cidades, motivados/as pelo processo de industrialização.

Muitos/as deles/as optaram por ir para as fronteiras agrícolas, motivados/as pelo sonho da terra. Acontece que essa alternativa fez parte da política militar em ocupar os espaços vazios e as fronteiras internacionais do país, além de incentivar a pecuária e garantir mão-de-obra para o garimpo e a extração de madeira.

Muitos/as outros/as continuaram nas regiões em casa de parentes, o que foi mais observado com as pessoas do sul do país. Aqueles/as que não se firmaram na terra enquanto agricultores/as voltaram à terra natal levantando a reflexão acerca das possibilidades: resistir no campo ou buscar novas formas de luta nas regiões onde estavam.

Outro fator determinante na gênese do MST foi ideológico. Neste mesmo período os conflitos entre posseiros e grileiros causaram muitas mortes. Os padres e bispos das regiões de fronteiras que presenciaram os massacres adotaram outro posicionamento, contrário ao inicial apoio à política agrícola do governo militar.

Surge a partir daí o trabalho pastoral das Igrejas Católica e Luterana com os/as agricultores/as. Estava sendo desenvolvido um trabalho através das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) nas comunidades rurais. As CEB's funcionavam como local de reflexão, socialização política, e ainda, um espaço comunicativo onde os/as que ali estavam buscavam apreender e (re)aprender a ler o lugar onde viviam.

Foi através dessa ação dos/as religiosos/as que se deu origem a CPT (1975), que reuniu em primeiro momento os bispos da região amazônica. Apesar de ter motivação regional, a CPT logo se expandiu por todo o país, assumindo uma postura contrária ao modelo agrário que estava sendo implantado.

A CPT foi a aplicação da Teologia da Libertação na prática, o que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico (Stédile & Mançano, 1999: 20).

Com a CPT, uma parte da Igreja Católica passou a articular os/as trabalhadores/as, pregando a organização como um importante instrumento de luta pela terra. Se até então a Igreja tinha compartilhado com o latifúndio, boa parte dela passou nesse momento de ruptura a dar outro caráter à sua expressão religiosa no campo. Esse segmento da Igreja rompeu com a tradição de compactuar com as classes dirigentes e incentivou através dos trabalhos de base, uma visão crítica e consciente do/a trabalhador/a, onde cada um deveria ter clareza de seu papel na mudança histórica do país.

Nesse momento de luta e desafio às instituições convencionais, os trabalhadores rurais construíram uma nova forma de organização social. As lutas populares que se desenvolveram nesse período contribuíram muito nas mudanças das estruturas tradicionais das organizações políticas, especialmente na igreja católica. Estas instituições foram, no transcorrer do tempo, as principais matrizes político-culturais do movimento de trabalhadores rurais que emergia. (Mançano, 1996: 67).

Outro fator determinante na formação do MST foi a situação política, ou seja, o processo de democratização pelo qual passava o Brasil no final da década de 70. O surgimento do MST coincidiu com a luta pela democratização do país quando a população retomou a luta pela reforma agrária, dando apoio popular⁵ ao MST.

A conjunção dos fatores político, econômico e ideológico foram cruciais para o surgimento do MST. O aumento brusco da concentração da propriedade de terra e do número de trabalhadores rurais sem-terra contribuíram para a construção da base social que gerou o nascimento do MST.

A igreja católica por meio da CPT foi a principal articuladora das diferentes experiências de luta pela terra, proporcionando a reunião dos sem terra para discutir as conjunturas de suas realidades. Foi com a troca de experiência que a articulação nacional desses movimentos começou a ser construída na perspectiva de superação do isolamento e em busca da autonomia política (MST, s/d: 03).

O MST é fruto de uma situação objetiva: o latifúndio. Mas também é parte da história de luta pela terra no Brasil. Refletir a história do/a trabalhador/a do campo é segundo Martins (1997, 10), analisar todo o processo de dominação pelo qual o homem e a mulher do campo passaram: primeiro lutando contra o domínio do fazendeiro, buscando burlar a expropriação territorial – aplicada por grileiros e grandes empresários – e finalmente tentando enfrentar a exploração econômica realizada por grandes empresas capitalistas.

⁵ Um exemplo de apoio da sociedade ao MST tem-se no processo da concentração realizada na Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta (RS). Em 1981 aconteceu a primeira grande concentração de sem-terra na área, e, em fevereiro de 1985 aconteceu a 5ª Romaria da Terra na Encruzilhada Natalino contando com o apoio de 20 mil pessoas.

De certa forma, o MST sempre se considerou como herdeiro das ligas camponesas, que foram a organização similar mais parecida que existiu nas décadas de 50 e 60. Ouvimos as histórias das Ligas, e procurou-se aprender o máximo de seus erros e acertos (Mançano 1998: 103).

É possível identificar alguns fatos históricos que aparecem com densidade no período de gestação do MST, quando em 1974 foi assinado um acordo entre o Governo do Rio Grande do Sul e os índios Nonoai, o qual o INCRA teria a responsabilidade de assentar as famílias de sem-terra que estavam abrigadas na área dos/as índios/as.

Em 1978, cerca de 1800 famílias foram expulsas da região, muitas dispersaram, algumas foram reassentadas em Bagé com apoio do sindicato e outras não aceitaram. Em menos de dois meses aconteceram as primeiras ocupações do MST. No RS as fazendas Macali, e Brilhante, em Ronda Alta, e, na reserva florestal da fazenda Sarandi, em Rondinha foram ocupadas. Ao mesmo tempo afloraram diversos protestos no país – São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul – que geraram a necessidade de uma articulação nacional.

Fruto do próprio processo histórico de sua gestação, e das discussões que acompanharam a sua criação formal em 1984, o MST surgiu e foi se configurando com um caráter todo próprio, fugindo aos padrões da luta pela terra de outras épocas e de outros lugares (...) (Caldart, 2000: 76).

Vê-se que o MST não teve origem em um determinado lugar, ele foi se formando a partir das lutas no campo em todo o território nacional. Mas foi verdadeiramente após um longo processo de debate, articulação e conhecimento entre as lideranças das lutas locais que o MST se constituiu formalmente no I Encontro Nacional dos Sem Terra – em janeiro de 1984, Cascavel- Paraná.

Neste encontro participaram 100 pessoas e 80 representantes de 13 estados. As discussões foram pautadas na organização e formalização do MST, definindo-se princípios, reivindicações, estrutura e forma de luta. A partir desse momento o MST passou a representar um movimento de trabalhadores/as rurais sem-terra, de caráter nacional lutando pela reforma agrária.

Ainda influenciado pela CPT, o MST definiu como lema: *Terra para quem nela trabalha*, defendendo a permanência dos/as trabalhadores/as na terra e lutando contra sua expulsão por parte dos grileiros e fazendeiros.

Em 1985, sob a sigla do MST, os/as trabalhadores/as rurais reuniram-se para o I Congresso Nacional do MST⁶, em Curitiba-PR. Havia cerca de 1500 representantes de 20 estados do país. Nesse Congresso tomou-se um conjunto de resoluções, levantando a discussão da luta pelo socialismo, e as formas de fortalecer a participação nas organizações sindicais e partidos políticos. Por fim, traçaram-se alternativas para o investimento na formação política através do trabalho de base.

Representando o amadurecimento político-ideológico, buscou-se resgatar a trajetória de lutas do movimento camponês brasileiro, o que representou um acúmulo orgânico de aprendizados com outras experiências históricas. Tentou-se organizar um movimento com características populares, em que todos/as participassem (independente de sexo, idade, escolaridade), aceitando todos/as aqueles/as que desejassem lutar pela reforma agrária.

Tivemos a compreensão de que a luta pela terra, pela reforma agrária, apesar de ter uma base social camponesa, somente seria levada adiante se fizesse parte da luta de classes (Stédile, 1999: 35).

Com a definição da plataforma de luta, o MST buscou defender a reforma agrária nas áreas de latifúndios (terras improdutivas acima de 1000 hectares), nas áreas das multinacionais, lutando pela demarcação das terras indígenas e articulando estratégias a partir da luta de massa.

Com a vitória do Presidente Tancredo Neves, a esquerda abre negociação, mas o MST se contrapõe à UDR e continua a lutar pela reforma agrária. Percebendo a manobra política, o MST decide não esperar o governo e realiza a primeira grande onda de ocupações. Em uma semana foram ocupadas 18 fazendas (região oeste de SC) com aproximadamente 5.000 famílias, o que mobilizou 40 municípios.

⁶ O MST definiu sua luta a partir do lema: Ocupação é a solução.

A turma saiu do congresso e começaram a pipocar grandes ocupações por todo o país. Foi, inclusive a maior onda de ocupações que fizemos numa só região (Stédile, 1997: 52).

Em 1989, o Brasil realizou sua primeira eleição direta para presidente. Participaram no processo eleitoral: Fernando Collor de Melo – representante da elite agrária e industrial – e o representante da classe trabalhadora, Luis Inácio Lula da Silva – Lula.

O movimento de massa cresce, mas as eleições são vencidas mais uma vez pela direita brasileira. A eferverscência política toma conta do MST que define como nova palavra de ordem: Ocupar, resistir e produzir. Foi na tentativa de evitar causar impacto negativo à sociedade, que o MST deixou de lado o slogan das Ligas Camponesas: Reforma agrária na lei ou na marra. Tratou-se de mais uma tentativa de mostrar a organização do MST e envolver a sociedade na luta pela reforma agrária.

Em 1990 quando Collor assume, o MST é reprimido através da intervenção da polícia federal. Processos judiciais são abertos e lideranças do movimento perseguidas e decretadas suas prisões.

Percebemos que com ele na presidência a repressão seria maior, tanto é que o congresso (do MST) estava marcado originalmente para janeiro de 1990 e acabamos realizando em maio (Stédile, 1997: 54).

Neste período foram realizadas poucas ocupações e o MST se prendeu ao lema do “resistir”, na tentativa de organizar-se internamente. As atenções estavam direcionadas para a construção orgânica dos assentamentos, através da seu modelo de produção.

Em 1995 o MST refletiu em seu III Congresso Nacional e defendeu mudanças no modelo econômico, além de levantar a bandeira “Reforma agrária – uma luta de todos”.

A reforma agrária depende das mudanças no modelo econômico. Para ela avançar, é necessário que toda a sociedade a abrace como uma luta legítima dos sem-terra, dos pobres do campo, com reflexos positivos para a própria sociedade (Stédile, 1997: 55).

Aos poucos o MST entendeu que conquistar a terra é importante, mas que é preciso também crédito, moradia, assistência técnica, escolas, atendimento à saúde e outras necessidades da família sem-terra que também necessitam serem supridas.

Tivemos a compreensão de que a luta pela terra, pela reforma agrária, apesar de ter uma base social camponesa, somente seria levada adiante se fizesse parte da luta de classes (Stédile. 1999, 35).

Após 19 anos de caminhada, o IV Congresso do MST (2000), representou a sistematização das experiências e adoção de algumas linhas políticas dos movimentos camponeses do Brasil, da América Latina e das lutas da classe trabalhadora internacional.

O MST reeditou e apresentou, após inúmeras discussões em nível regional e nacional, uma síntese de seu programa de reforma agrária, que busca alcançar concomitantemente às transformações necessárias para realização de seus programas, são estas:

- 1. Modificar a estrutura da propriedade da terra*
- 2. Subordinar a propriedade da terra à justiça social, às necessidades do povo e aos objetivos da sociedade*
- 3. Garantir que a produção da agropecuária esteja voltada para a segurança alimentar, a eliminação da fome e ao desenvolvimento econômico e social dos trabalhadores*
- 4. Apoiar a produção familiar e cooperativada com preços compensadores, crédito e seguro agrícola*
- 5. Levar a agroindústria e a industrialização ao interior do país, buscando o desenvolvimento harmônico das regiões e garantindo geração de empregos especialmente para a juventude*
- 6. Aplicar um programa especial de desenvolvimento para a região do semi-árido*
- 7. Desenvolver tecnologias adequadas à realidade, preservando e recuperando os recursos naturais, com um modelo de desenvolvimento agrícola auto-sustentável*

8. Buscar um desenvolvimento rural que garanta melhores condições de vida, educação, cultura e lazer para todos (MST:s/d, 16)

Até hoje o MST tem buscado construir e transformar sua estrutura organizacional de acordo com o momento vivido, na tentativa de ampliar e atualizar seus objetivos. O MST percebe que a luta pela reforma agrária é ampla e implica a conquista de direitos sociais que compõem o que se pode denominar de cidadania plena. É então através de um processo organizativo que o MST busca enfrentar os obstáculos que a sociedade capitalista representa.

1.2. Organização e Princípios do MST

Por não nos recusarmos a pensar o impossível é que encontramos saídas estratégicas. MST

Como dito anteriormente, os princípios partem do aprendizado e das experiências concretas de outros movimentos. O MST possui exemplos do MASTER – com os seus princípios organizativos; da CPT – com a teologia da libertação; e das Ligas Camponesas – com a luta pelo socialismo. Assim, apropria-se do acúmulo orgânico da experiência histórica de outros movimentos.

Buscar recuperar a história das lutas dos trabalhadores é um desafio. A própria trajetória desses trabalhadores - explorados, subordinados politicamente aos grandes proprietários, excluídos dos mais elementares direitos políticos e sociais - implica na dificuldade de preservação de sua memória social (Medeiros, 1989: 11).

Como forma de organização e discussão de sua existência, o MST realiza no período de cinco em cinco anos o Congresso Nacional do MST, contando com a participação de sem-terra, estudantes, militantes e acadêmicos/as. O congresso tem por objetivo: repensar, avaliar e construir coletivamente os princípios que norteiam o movimento; fortalecer a militância, através do aprofundamento de discussões sobre a sociedade, bem como a participação dos/as militantes nas organizações sindicais e nos partidos políticos de esquerda.

Este encontro vai além da disputa eleitoral convencional existente (como acontece com os partidos políticos), que o torna desgastante, cansativo e muitas vezes desestimulante. Durante sua dinâmica as discussões proporcionam estímulo e fortalecimento do ânimo dos/as militantes. Essas são pautadas na luta pela reforma agrária, e não significam apenas um conjunto de resoluções, mas a busca da efetivação de luta pelo socialismo.

Organizado em 23 estados - exceto no Amazonas, Roraima, Acre e Amapá – o MST já conquistou cerca de 1.200 fazendas, realizou cerca de 1.800 ocupações em todo o país, envolvendo mais de 1,5 milhão de pessoas. São aproximadamente cerca de 350 mil famílias assentadas e outras 80 mil acampadas.

Autônomo e alcançando o âmbito nacional, o MST investiu na formação política através do trabalho de base. Entendido como valor fundamental para a organização de um movimento popular, a mobilização das massas faz parte da estratégia de luta do MST.

O MST é uma forma dos trabalhadores sem terra das comunidades, dos municípios, estados e do Brasil se articularem para lutar pelos seus direitos (MST, 1986: 11).

Os princípios organizativos do MST procuram evitar os problemas mais comuns de movimentos populares do passado.

Com influência da ULTAB busca-se recuperar a disciplina como valor básico. Ou seja, os/as participantes do MST devem ajudar a construir e respeitar as regras, ter disciplina e respeitar as deliberações do coletivo. Parte-se do pressuposto de que se trata de uma prática organizativa fundamental para o desenvolvimento e progresso de luta do movimento.

A democracia também exige normas ou regras para serem seguidas (Stédile. 1999, 41).

Para que as normas sejam construídas na coletividade, o MST elege o processo de estudo como aspecto fundamental. É a tentativa de que as escolhas sejam feitas de forma consciente, sem manipulação e inocência do/a trabalhador/a rural.

De 1984 até hoje, o MST avançou nas lutas e na organização. Em seu processo organizacional existe uma coordenação nacional que elabora as políticas e as principais estratégias.

Sua composição atinge aproximadamente o número de 90 pessoas e sua eleição se dá da seguinte forma:

1. Cada estado de atuação do MST elege 2 pessoas para coordenação nacional durante realização de seus Encontros Estaduais;
2. as Centrais de Cooperativas Estaduais elegem um/a representante;
3. duas pessoas da direção são eleitas pelos setores nacionais;
4. 21 representantes são eleitos durante a realização do Congresso Nacional.

No âmbito estadual e regional as escolhas se dão também de forma descentralizada, onde os/as assentados/as elegem seus/suas representantes durante seus encontros estaduais, regionais e locais.

A organização é a base de sustentação do MST, através de setores e coletivos trabalham-se as demandas e organizam-se as atividades e ações. Hoje o MST possui a seguinte estrutura:



O MST desenvolveu vários setores que se articulam com o objetivo de garantir sua existência orgânica, dentre os quais estão:

Setor de educação

O setor de educação é responsável pela educação formal e informal dos/as assentados/as, e tem como base um projeto pedagógico construído pelo próprio MST. Cerca de 160 mil crianças estudam da 1ª a 4ª série nas 1.800 escolas públicas dos assentamentos, e, em conjunto com a Unesco e mais de 50 Universidades, o MST desenvolve programa de alfabetização de aproximadamente 19 mil jovens e adultos nos assentamentos.

Setor de produção:

O setor de produção trata das questões relativas ao sistema produtivo dos assentamentos organizado através das cooperativas. Tem-se na Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) a instância superior do sistema cooperativista do MST. Tem como principal finalidade promover cursos, articular convênios e financiamentos para a capacitação técnica dos/as assentados/as.

Setor da frente de massa:

Esse foi o primeiro setor a surgir veio da necessidade de resistir às pressões da UDR e tem como objetivo qualificar o processo organizativo da base e organizar ocupações. É o responsável pela aglutinação dos/as trabalhadores/as para a realização de ocupação na área escolhida pelo MST.

Setor de comunicação:

Não estando isolado da sociedade e sendo muitas vezes vítima da manipulação da mídia, o MST possui o setor de comunicação que através do jornal e da Revista Sem Terra busca democratizar os acontecimentos e expressar-se para a sociedade civil.

Setor de finanças:

É provavelmente o mais exposto a opinião pública, já que é responsável pela elaboração e acompanhamento dos projetos financeiros que dão sustentação

ao MST. Nas palavras de Stédile⁷ (...) *é a descentralização financeira. Cada setor tem de planejar as suas atividades.*

Setor de formação:

Este setor organiza cursos de formação e militância política. É responsável pela formação política dos militantes, trabalha sempre ao lado do setor de frente de massa, produção e educação.

Setor de saúde:

O setor de saúde tem como objetivo formar e capacitar assentados/as, a fim de se tornarem agentes de saúde nos assentamentos. Em parceria com o governo cubano, 48 militantes do MST cursam medicina na Escola Latino Americana de Medicina, em Cuba.

Setor de gênero:

Os valores subjetivos dos/as assentados/as são discutidos também com o setor de gênero que busca através de discussões refletir sobre a relação histórica construída que diferencia homens e mulheres.

Para o MST a combinação da luta pela terra com a educação será possível a construção de um novo homem e uma nova mulher. Hoje o MST avança com o apoio dos/as trabalhadores/as urbanos/as e se desenvolve em cada cidade do país mesmo diante da realidade difícil que o Brasil enfrenta.

1.3. O MST em Pernambuco e a luta do Assentamento Pedro e Inácio

O Estado de Pernambuco se caracteriza por ter um movimento camponês articulado e referência para o país, que tem como exemplo as Ligas Camponesas e um forte movimento sindicalista com grande capacidade de articulação.

Lembramos que antes ao MST, o Estado de Pernambuco foi cenário de amplas lutas no campo. Algumas tiveram início em PE e se propagaram pelo Nordeste e pelo país, como por exemplo: o cangaço e depois as Ligas

⁷ Na revista Caros Amigos (1997) Stédile afirma que o MST recebe aproximadamente US\$ 500.000 por ano de setores internacionais e nacionais, entre elas o governo federal também – apesar do inúmeros cortes – financia cursos e projetos do MST.

Camponesas que adquiriram força com a criação do engenho da Galiléia, teve seu início na década de 50 e foi reprimido em 1964 com o governo militar. No mesmo período surgiram outros movimentos com força, como o primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais, fundado na cidade de Barreiros-PE.

Sendo um dos primeiros Estados de atuação do Nordeste, a origem do MST em Pernambuco se dá no ano de 1986 quando, dentro do Partido dos Trabalhadores (PT), um grupo de uma tendência interna se denominou MST/PE e passou a atuar junto aos/as trabalhadores/as do campo, mas ainda sem vinculação política ou orgânica com o Movimento Sem Terra.

Três anos depois, a direção do MST deslocou para Pernambuco um grupo de militantes de Sergipe, Paraíba e Espírito Santo, com o objetivo de manter contato e iniciar a construção do MST no Estado.

A primeira ocupação do MST em PE aconteceu no dia 25 de julho de 1989 no Engenho do Complexo de SUAPE – cidade do Cabo – e contou com a participação de aproximadamente 400 famílias. De lá para cá grandes conquistas caracterizaram o MST/PE, como a realização, do I Encontro dos Sem Terrinha, em outubro de 1996, que contou com a participação de 500 crianças sem-terra e com a contribuição da universidade e estudantes.

Hoje o MST em Pernambuco está constituído em 40 municípios, com cerca de 94 assentamentos, que reúnem 7.450 famílias. Os acampamentos estão em número maior, e são aproximadamente 202 com o número de 27.050 famílias.

Frente à história de luta do MST no Estado de Pernambuco, temos o maior massacre da região, aconteceu no dia 05 de junho de 1997 nas terras do engenho Camarazal, localizado na Zona da Mata Norte de PE e próximo ao município de Nazaré da Mata. As terras do engenho foram ocupadas por um grupo de trabalhadores/as, num total de 28 famílias vindas do distrito de Muripé e 02 famílias vindas de Nazaré da Mata. Reunidas outras 20 famílias de outras regiões totalizaram-se 50 famílias no processo de ocupação.

O acampamento se localizou nas proximidades do Assentamento Campo Verde, já que se esperava alguma forma de represália. Completados 3 dias de ocupação, os/as acampados/as foram surpreendidos/as por aproximadamente

50 jagunços fortemente armados que chegaram disparando tiro na região do acampamento.

No momento de fuga, seis pessoas – entre elas, duas crianças (6 anos e 1 ano) foram atingidas e duas foram assassinadas: Pedro Augusto da Silva, de 56 anos de idade e José Inácio da Silva, de 20 anos (ambos da mesma família). Aqui estão alguns fragmentos de relatos⁸ dos/as assentados/as que participaram do massacre:

Lembro quando encontramos os corpos de Pedro e de Inácio, fazia 3 dias que estavam desaparecidos.

A maior lembrança é da hora de vigia, ficamos 6 meses sem dormir direito.

A hora da comida era boa. Era com bastante união e um ajudava o outro.

O que me marca é as cicatrizes nos corpos das crianças. Elas nunca vão esquecer só quando morrer.

Vamos dar a vocês o que vocês estão querendo, toma aí bando de filho da mãe.

Vocês não procuraram, quem procura acha. Queima tudo, não vamos deixar nenhum barraco em pé, quero ver esses sem-terra voltar aqui.

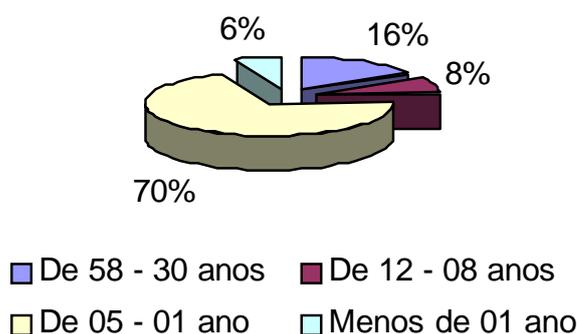
Uma semana após o massacre, com o apoio da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (FETAPE), da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do Partido dos Trabalhadores (PT) e outras entidades, os/as trabalhadores/as reocuparam o engenho em um ato público que marcou a história da cidade.

A suspeita da participação de policias civis e militares contribuiu para a conquista da terra. Cinco meses após o massacre, o engenho foi desapropriado, transformando-se em assentamento. Em homenagem aos agricultores assassinados, o engenho Camarazal passou a chamar-se: Assentamento Pedro e Inácio.

⁸ As falas aqui expostas tiveram origem parte de um questionário e outras de conversas informais com os/as assentados. Eles/as afirmaram que após o massacre foi recolhido um balde cheio de cartuchos disparados pelos jagunços.

O assentamento dispõe de 494 hectares⁹, onde cada família assentada recebeu 6,5 há – sendo 1,5 ha cedidos para a área coletiva. Atualmente no assentamento existem 79 famílias¹⁰, sendo que 53% não participaram da ocupação e 47% estiveram presentes no massacre. Observa-se na tabela abaixo que a maioria dos/as moradores/as 76% não contribuíram com o

TEMPO DE MORADIA NO ASSENTAMENTO



processo de conquista da terra, chegando um tempo após a posse da terra – mais especificamente, 2 anos depois.

A falta de apoio governamental ao trabalhador do campo afastou algumas famílias, como demonstra o relato da coordenação do assentamento:

Estamos sem apoio de técnico e não temos incentivos da prefeitura e do governo. Muitas vezes ficamos devendo muito e não temos como pagar porque a produção tá parada, mas não é por nossa conta não, os técnicos do governo não vem mais fazer os estudos nas plantações. Temos o coco e o limão que se não tiver cuidado vamos perder. É difícil pra quem tava acostumado a plantar roça ter que cuidar de coisas que não conhece.

No período de acampamento as famílias estavam alojadas em casas improvisadas nas antigas instalações do engenho e na casa grande. Os/as

⁹ A área do Engenho ao total possuía 506 hectares, mas nem toda região foi desapropriada, ficando o trecho da pedreira com o antigo proprietário.

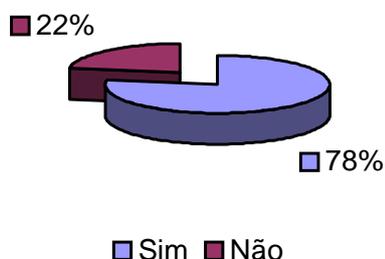
¹⁰ Os dados foram coletados através de um censo realizado pelo grupo de jovens e elaborado por mim. Além de fornecer dados atuais para a pesquisa também teve como objetivo a elaboração de um mapa para os/as assentados/as.

antigos/as moradores/as tiveram prioridade no processo de emissão da posse da terra e continuaram em suas antigas casas.

Dois anos após a posse da terra os/as assentados/as receberam o crédito de habitação (R\$ 2.500,00) e construíram suas casas de alvenaria no sistema de agrovilas (as casas se localizam no centro do assentamento). O INCRA repassou R\$ 23.500,00 para a eletrificação do assentamento. Ficou também no espaço da agrovila: escola, creche¹¹, uma área de lazer e o centro de formação (antiga casa grande).

Seguindo a orientação do MST, foi adotado o sistema cooperativista de produção, dando origem à Cooperativa de Produtores Agropecuários Pedro e Inácio. Através de projetos a cooperativa recebeu do governo federal recursos, de modo que cada parceleiro/a ficou com os seguintes créditos: custeio para despesas na produção (R\$ 1.300,00); fomento para compra de equipamento de trabalho e sementes (R\$ 1.425,00).

FAMÍLIAS BENEFICIADAS COM EMPRÉSTIMOS



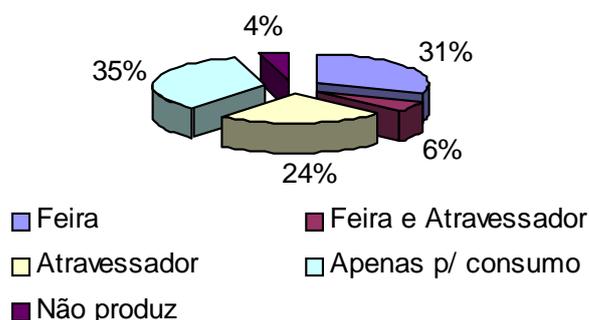
Atualmente o plantio abarca: mandioca, inhame, milho, banana, batata, jerimum, limão, coco, fava, coentro, quiabo, macaxeira e feijão verde. Em geral toda família participa do trabalho agrícola, sendo que o homem tem a posse dos recursos que recebem com a venda da produção. Na perspectiva de atender exigências federais e diversificar a produção, as mães que participam

¹¹ Até o ano de 2000 não havia creche, o tema foi trabalhado em reuniões com as mulheres em minha pesquisa de monografia, o que possibilitou uma luta e conquista conjunta de homens e mulheres do assentamento.

do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI estão sendo capacitadas para trabalhar com avicultura e caprinocultura.

O escoamento da produção sempre foi obstáculo encontrado pelos assentados/as. Na perspectiva de driblar o atravessador, a coordenação local do MST articulou os assentamentos próximos ao município de Nazaré da Mata para a realização de uma feira típica, em dia diferente à feira local.

FORMAS DE ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO



Neste ano criou-se, então, mais uma alternativa de escoar a produção dos assentamentos do MST.

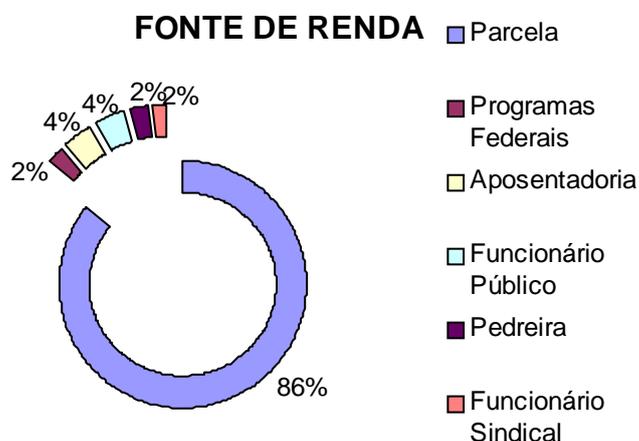
Através do gráfico acima se observa que apenas 24% dos/as parceiros/as continuam produzindo apenas para o atravessador, enquanto 72% repassam sua produção através da feira ou a utilizam para consumo próprio. Em depoimentos os/as moradores relatam a diferença entre antes e depois da organização da feira:

Agora é bom demais, a gente vende no preço bom pro povo da rua e ainda temos um dinheirinho.

Antes nós trabalhávamos o mês todinho e só ficava uns trocados pra gente, agora nós vai lá vender em vez do feirante vim buscar pra vender. É bom pra gente e é bom pra quem compra né, que é bem baratinho.

A feira mudou até a vida dos assentados. Agora nós trabalhamos na roça o dia todo né, na segunda e Terça. Na quarta as mulheres fazem bolo e as coisas pra vender e o homem vai arrumar o que tem pra vender. Na quinta nós vamos pra feira do MST e na Sexta já organiza de novo as coisas pra feira de Sábado. É bom que a gente agora tem as clientelas que só quer comprar do MST.

Ainda falando sobre as formas de trabalho, o gráfico abaixo demonstra que a grande maioria da população do assentamento sobrevive dos recursos que a terra pode fornecer, e apenas 8% trabalham na zona urbana.



Para o MST não existe problema em sobreviver através da terra, mas para estabelecer uma relação harmônica com a natureza é necessário assumir alguns compromissos:

Amar e preservar a terra e os seres da natureza, aperfeiçoar sempre nossos conhecimentos sobre a natureza e a agricultura, produzir alimentos para eliminar a fome na humanidade, evitar a monocultura e o uso de agrotóxicos, preservar a mata existente e reflorestar novas áreas, cuidar das nascentes, rios, açudes e lagos, lutar contra a privatização da água, embelezar os assentamentos e comunidades, plantando flores, ervas medicinais, hortaliças, árvores... Tratar adequadamente o lixo e combater qualquer prática de contaminação e agressão ao meio ambiente, praticar a solidariedade e revoltar-se contra qualquer injustiça, agressão e exploração praticada contra a pessoa, a comunidade e a natureza, lutar contra o latifúndio para que todos possam ter terra, pão, estudo e liberdade, jamais vender a terra conquistada (MST, s/d: 05).

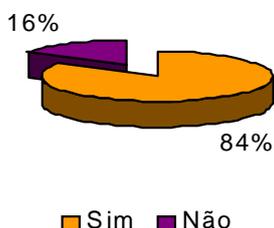
Para o MST o sistema cooperativista é uma forma de exercitar a auto-organização. Em Pedro e Inácio a cooperativa fica responsável por: coordenar a produção coletiva, organizar o assentamento, mediar as relações conflituosas entre os/as assentados, administrar e propor formas de crescimento interno. A

diretoria é composta por doze pessoas, divididas entre presidente, secretário, tesoureiro, conselho fiscal e suplente. Estatutariamente existem duas reuniões internas para preparação da reunião geral do assentamento – que acontece uma vez ao mês.

Mesmo diante dos problemas enfrentados pela atual direção da cooperativa, os/as parceleiros/as continuam organizados no processo de produção coletiva. Eles/as estão divididos/as em cinco grupos que trabalham de segunda a sexta na área onde é cultivada a mandioca. As reuniões continuam acontecendo – apesar de muito conflituosas – para discutir a forma que cada um/a irá receber a parte que lhe cabe no lucro da produção. O gráfico abaixo demonstra a participação dos/as assentados/as no processo coletivo, vale salientar que entre os 16% que não participam, 50% não possuem terra para plantar, 30% estão aposentados e 20% trabalham na zona urbana.

Até o ano de 2000 não havia nenhum outro grupo organizado no

PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO COLETIVA



assentamento. Mas sempre existiu a intenção de trabalhar com os/as jovens na perspectiva de reuni-los/as para discutir a realidade, as expectativas de vida e o papel econômico, político e social deles/as no assentamento.

Em junho de 2001 sob iniciativa de alguns jovens foi criado o Grupo de Jovens Unidos Venceremos. O grupo teve intenção de ocupar a juventude do assentamento, como explica a direção do GJ.

O nosso objetivo foi tirar os jovens das drogas, dos vícios e da bebida. Eles estavam ociosos, então nós chamamos um grupo pra fazer reuniões e estamos conseguindo. Tem alguns jovens que se voltam para bebida, nós insistimos e eles voltam para o GJ. Existem outros arrumavam briga e hoje já não fazem mais isso.

O GJ conta atualmente com 20 participantes que realizam atividades de renda e festivas. O grupo possui uma área de ½ hectare doada pela cooperativa onde cultiva mandioca, tendo o recurso da primeira produção sido destinado à compra de instrumentos musicais e recursos para sua manutenção.

Existem três jovens em capacitação pelo MST, um está realizando um curso de comunicação no Rio Grande do Sul e os outros dois em Caruaru/PE estão envolvidos no cultivo de hortas medicinais¹².

No que se refere à educação, a escola no assentamento funciona até a 4ª série do Ensino Fundamental nos três horários (manhã, tarde e noite) com sete professoras.

Há o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que atende a 60 crianças do assentamento, com faixa etária entre sete e quatorze anos de idade, as quais ficam todo o dia na escola estudando pela manhã e desenvolvendo atividades a cargo de um monitor à tarde. Cada família recebe um valor de R\$ 25,00 por criança que participa do programa.

A antiga casa grande, além de funcionar como alojamento para os/as visitantes e realização de todas as reuniões e assembléias do assentamento, abriga também a farmácia mantida pelo MST, medicamentos que são distribuídos pela pessoa responsável que trabalha com o médico com a simples apresentação da receita.

Existe o atendimento médico no período quinzenal, sendo considerado insuficiente já que não tem condição estrutural para o atendimento clínico. Os casos de emergência são encaminhados para a cidade e muitas vezes para o Recife.

Um outro problema do cotidiano do assentamento Pedro e Inácio é o tratamento do lixo: não há veículo para realizar seu recolhimento ou outra forma alternativa de tratamento. Os/as assentados/as, sem outra alternativa,

¹² Durante a formação o assentado fica 3 meses em treinamento e um mês no assentamento onde deve colocar em prática o que foi aprendido. Existe atualmente uma horta plantada por esses jovens que estão em Caruaru.

jogam seu lixo nas regiões vizinhas, o que deixa claro a carência neste campo, necessitando urgentemente de uma atitude governamental ou de uma proposta de educação ambiental e tratamento do lixo produzido.

O abastecimento de água nas casas se dá através de um poço localizado próximo à casa grande, de onde é recolhida através de vasilhames de diversas origens, chegando-se a reutilizar vasilhames de agrotóxicos.

Quanto à questão religiosa, o assentamento não tem nenhum local para suas práticas ou sacerdote que conduza os trabalhos nesse campo. O assentamento tanto tem grupo de religião católica, como grupo de religião evangélica (batista). São realizados novenas e cultos nas casas dos assentados, de cunho católico e batista. Uma particularidade é que 65 % dos assentados/as se identificam com a religião católica.

CAPÍTULO II – GÊNERO E SEXUALIDADE: VITÓRIAS E CONQUISTAS

A busca de compreender a sexualidade como algo construído histórica e socialmente tem sua expressão maior nas obras de Foucault (1926-1984). Sendo assim, abordar a sexualidade não é tarefa fácil. Inserida no terreno híbrido do biológico e da cultural, do pessoal e do social, não existe uma forma unívoca para tratar a sexualidade. Mas, segundo Foucault a sexualidade é

(...) ponto de passagem de relações de poder entre homens e mulheres; jovens e velhos; pais e filhos. Nas relações de poder, a sexualidade não é um ponto mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (Foucault, 1997:98).

Portanto, a sexualidade pode ser abordada das mais variadas formas: em relação à família, parentesco, casamento e aliança, como constitutiva da subjetividade, da identidade individual e coletiva, como representação, desejo, como ameaça da ordem social, problema biológico, genético, político, moral, ou simplesmente atividade sexual.

Considera-se assim, que a diferença entre os corpos é uma das referências recorrentes pelas quais o poder é exercido e legitimado. Neste sentido, aqui também esforça-se para desnaturalizar esta relação, destacando-se que o poder, ao mesmo tempo em que nega e coíbe, produz e é positivo

(...) onde há poder há resistência e, no entanto esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder (Foucault, 1988: 89).

É nesse campo das correlações de força que devemos tentar analisar os mecanismos do poder, enquanto dispositivos de saber que induzem comportamentos, fabricam corpos e diminuem ou aumentam a força política dos indivíduos.

2.1. A evolução do debate de gênero

A produção da existência humana tem bases biológicas que implicam a intervenção conjunta dos dois sexos – macho e fêmea. Já a produção social da existência implica na intercessão de dois gêneros, o masculino e o feminino.

Cada qual representa uma contribuição particular na produção e reprodução da existência humana. Falar em sexualidade nos remete a aprofundar a discussão das relações entre os gêneros e a olhar um pouco para o nosso cotidiano

Para isso, não podemos perder de vista as mudanças que ocorreram no último século, entendendo-as enquanto processo de luta gradativo.

Ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres podem ser observadas em muitos e diversos momentos da história (...) Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado sufragismo (...) (Louro, 1998: 14)

Para Louro (1998) foram dois os principais períodos¹³ da construção do debate de gênero: o primeiro se refere à luta das mulheres pelo direito ao voto, e desdobra-se na virada do século XIX, quando as preocupações foram voltadas para as construções propriamente teóricas.

Referindo-se à primeira “onda”, vamos ver que no Brasil a luta pelo voto feminino não assumiu caráter de movimento de massa. Teve início no ano de 1910, com a criação do Partido Republicano Feminino do Rio de Janeiro. A discussão se propagou nos diversos espaços da sociedade, entre eles o parlamento que questionava o voto, indagando a possibilidade de dissolução da família com a conquista feminina.

(..) era indiscutível e inapelável o papel da mulher no lar e na família, e o sufrágio feminino parecia lhes uma ousadia anti-social (Saffioti, 1992: 115)

A despeito de o debate ter vindo à tona no início do século, as mulheres apenas tiveram a conquista do voto em 1932, com o governo de Getúlio Vargas, ainda com alguns limites impostos pela sociedade brasileira.

(...) o direito do voto foi conquistado, mas permaneceram em nossa legislação discriminações básicas, como por exemplo a incapacidade da mulher casada, estabelecida pelo Código Civil de 1917: podia-se votar, mas caso a mulher fosse casada, era necessária a autorização pelo marido para que ela trabalhasse fora (Boito, 1996: 115)

¹³ Não podemos esquecer que muito antes do debate do voto houve inúmeras ações isoladas, algumas tendo como foco a educação formal.

Durante as décadas de 60 e 70 surgiram movimentos sociais de caráter inovador, na medida em que exerciam o elo entre a ação coletiva e os direitos. Entre eles está o movimento feminista, que buscou desmascarar as desigualdades entre os sexos e superar a supremacia do homem e a opressão das mulheres.

Amparados em modelos que tinham em vista a organização popular e retratando a crise da estrutura política brasileira, o movimento feminista brasileiro ganhou intensidade à medida que incorporou como frente de luta uma forte oposição ao regime militar.

Nessa época, no Brasil e internacionalmente, a presença feminina é maciça nas manifestações estudantis, no movimento operário, nas lutas políticas e sociais. Mais do que isso, as mulheres passaram a expressar publicamente uma luta específica, feminista, em razão de toda a conjuntura internacional, com uma força e organização que lhes garantia continuidade (Louro, 1998: 102).

O movimento feminista ganha dimensão mundial e em 1975 a Organização das Nações Unidas (ONU) declara o ano internacional das mulheres, tendo todos os países assumido o compromisso de eliminar qualquer forma de discriminação contra as mulheres. No Brasil o movimento feminista avançou pouco a pouco, articulando a luta por direitos democráticos, por liberdade, denunciando as condições de vida da população e das mulheres.

Na década de 70 organizaram-se diversos movimentos de mulheres no país, indicativos do que algumas autoras consideraram como rupturas da passividade feminina construída (Cappelin, 1994:18).

O debate avançou, assumindo essencialmente caráter político e econômico. No Brasil podemos enumerar alguns movimentos que contribuíram significativamente com a organização feminista. O Movimento Feminino pela Anistia – MFPA¹⁴, que embora não tenha assumido caráter feminista, fortaleceu o campo das organizações sociais. O questionamento e a denúncia das conseqüências reais do “milagre brasileiro” foi conduzido pelo Movimento do

¹⁴ Fundado em São Paulo no ano de 1975, o MFPA constituía-se basicamente de mulheres da classe média e de profissionais liberais que lutaram contra o regime militar, exigindo a volta de filhos e companheiros exilados e desaparecidos.

Custo de Vida. Alguns outros focalizaram a luta pela aposentadoria, o reconhecimento dos direitos trabalhistas das agricultoras e seus direitos à sindicalização.

Os meios de comunicação também contribuíram na divulgação de alguns temas que o movimento feminista incorporou em seu discurso. Questões como sexualidade, casamento, maternidade e violência passaram a ser adotados como centrais em alguns programas. Ao mesmo tempo em que tratavam as mulheres em comerciais, novelas, noticiários de forma que reforçavam o papel tradicional, deixando claro a heterogeneidade da mídia.

O debate das idéias feministas ganhou espaço na imprensa, o que influenciou um número muito maior de mulheres e aumentou o impacto das reivindicações feministas (Faria & Nobre, 1997: 26).

Mesmo organizadas, as mulheres permaneciam dispersas em movimentos, mas gradativamente foram se agrupando de acordo com as identidades ideológicas e políticas. Se até então militavam nos movimentos populares de caráter mais geral, percebe-se durante esse momento a inserção das lutas específicas às condições das mulheres.

Com esse amadurecimento o debate cresceu sob a Influência das feministas da Europa e dos Estados Unidos. A participação das mulheres aumentou no Brasil à medida que estas foram ocupando os espaços públicos – sindicatos e partidos políticos. Em consequência centraram suas atenções na discussão das desigualdades e discriminação entre os homens e as mulheres.

As evidências de mudanças são diversas: mulheres exercendo cargos de chefia em partidos políticos e centrais sindicais, com poder de palavra. Tendo garantido o acesso às informações e articulações políticas as mulheres foram aos poucos se apresentando enquanto atrizes políticas.

Nos anos 80 o cenário político é caracterizado por mobilizações e articulações políticas, possibilitando conquistas sociais tão esperadas. Ao mesmo tempo, as mulheres continuaram sua organização, dando maior visibilidade às suas reivindicações e levantando como bandeiras de luta: o direito ao corpo e à livre opção pela maternidade, lutando pelo fim da violência e pela igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

É ainda nessa mesma década que presenciamos o fortalecimento das primeiras Organizações Não Governamentais – ONG's com foco voltado à questão da mulher e com tendência feminista, tal como o SOS Corpo em Recife, e, o SOS Violência na cidade de São Paulo.

Durante todo seu processo de organização o movimento feminista conseguiu colocar em seu dia-a-dia questões nunca antes debatidas. Construiu uma profunda crítica à estrutura patriarcal da sociedade, questionou valores, normas e regras impostas de forma diferenciada às mulheres.

Nos anos 90, o feminismo passou por uma reorganização trazendo mudanças significativas na abordagem de seu movimento. Com a ampliação dos espaços de atuação o debate em torno das questões ligadas aos valores, subjetividade e cultura, o movimento feminista intensificou-se e fortaleceu-se. O movimento caracteriza-se por introduzir o conceito de gênero articulado com os conceitos de classe e etnia.

A especificidade da contribuição do movimento de mulheres autodefinido ou não de feministas reside na proposta de uma nova articulação entre política e vida cotidiana, entre esfera pública, esfera social e esfera política na reafirmação da necessária heterogeneidade da experiência a partir das relações de gênero (Louro, 1998:226).

Retornando ao pensamento de Louro (1998), a segunda “onda” está ligada às preocupações de construções teóricas. A princípio a construção de um conceito para distinguir as lutas das mulheres surgiu das feministas norte-americanas, que enfatizavam o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas nos sexos.

O debate de gênero e a abordagem em torno de seu conceito foram promovidos pelo conjunto do feminismo, tendo como referências a antropologia e a psicanálise, dando um grande salto na discussão teórica.

Gênero é um conceito relacional, ou seja, que vê um em relação ao outro e considera que estas relações são de poder e de hierarquia dos homens sobre as mulheres (Faria & Nobre. 1997, 26).

No primeiro momento as feministas anglo-saxãs tenderam a empregar o conceito de gênero numa perspectiva biológica, em que atribuíram as

desigualdades entre homens e mulheres às distinções biológicas. É dada às mulheres maior visibilidade, saem então das entrelinhas e passam a serem vistas enquanto sujeitos sociais, políticos e históricos.

O uso do conceito de gênero foi necessário para legitimar os estudos sobre as mulheres num sentido mais acadêmico e menos militante.

Tal como afirma Faria e Nobre (1997: 26), o conceito de relações de gênero

ajudou a romper com as dicotomias antes colocadas: divisão entre específico-geral, público-privado, produção-reprodução, porque busca compreender como as relações de gênero estruturam as práticas sociais nas diversas esferas.

Mais maduro, o movimento feminista assume uma atitude flexível e percebe que a luta ultrapassa a questão específica das mulheres. E passa a ter como elemento pertinente à discussão de gênero a relação entre mulheres e homens.

Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (Scott, 1990: 72).

A mudança conceitual encontra resistência por grande parte das feministas.

As feministas começaram a utilizar a palavra gênero mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos (Scott, 1990: 72).

Guacira (1995: 103) propõe uma compreensão de gênero mais ampliada, que não signifique só um processo contínuo e dinâmico, mas uma identidade apreendida, como uma categoria imersa nas instituições sociais. Ora, se ser homem e ser mulher são construções sociais, tratam-se também de categorias sociais impostas sobre um corpo sexuado.

O conceito de gênero foi lido como a integral ruptura entre a concepção cultural e biológica e como capaz de se referir à construção social e cultural de múltiplas identidades de “sexo social” e de “orientação sexual”. (...) de construir e legitimar uma pluralidade de novas identidades de gênero, mutantes e não fixas, mas ainda assim identificadas (Machado, 1995: 419)

Atualmente o debate acerca de gênero reflete o entendimento das “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Esta forma de análise difere da inicial que examina exclusivamente a participação feminina. Com essa nova compreensão examinam-se os papéis de homens e mulheres, as relações entre eles e o acesso desigual ao controle sobre os recursos.

Segundo Naila Kabeer (1990: 09) gênero pode ser visto como o

(...) processo através do qual indivíduos nasceram em categorias biológicas de machos ou fêmeas, tornam-se categorias sociais de mulheres e homens pela aquisição de atributos de masculinidade e feminilidade, definidos localmente.

É certo que as pessoas nascem bebês machos ou fêmeas, e, são criados/as e educados/as conforme o que a sociedade define como sendo homem e mulher e seus respectivos papéis. Daí flui a necessidade em perceber o diálogo entre as relações sociais e biológicas.

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seu modo de se relacionar ou se portar (Louro, 1998: 24).

É ilusão pensar que não há interesse ideológico imbricado nos espaços sociais, os usos das palavras homem/mulher vão além de sua simbologia lingüística, refletem características atribuídas culturalmente.

As diferenças se transformam em desigualdades à medida que os indivíduos são marcados/as a assumir determinado lugar na esfera pública (mulheres) e privada (homem). Não podemos deixar de entender que essas esferas se completam. Uma está ligada à transcendência do ser, através de seu “domínio e controle” da natureza. A outra compartilha o processo e reprodução da vida humana. É então possível que os seres limitados a uma das esferas se tornem alienados/as e incompletos/as.

A questão não está em estabelecer valorações a respeito da importância relativa de cada uma das esferas, mas assinalar que linearmente e circularmente, sobrevivência e transcendência, doméstica e pública,

masculinidade e feminilidade, não são outra coisa que as duas faces de uma realidade única e indivisível.

O importante é perceber que essas relações são parte da construção social de gênero que está implícita nas relações entre homens X homens, mulheres X mulheres e homens X mulheres, o que permite dar maior amplitude à discussão.

2.2. Sexualidade: resistências e temores?

Se observarmos, desde cedo as crianças recebem informações sobre o que é ser homem e mulher e quais os papéis que cabem a cada um/a. Podemos citar diversos exemplos, mas vamos começar pelo nascimento de uma criança. Nesse momento podemos perceber que a distinção de sexo é antes de tudo visualizada através das cores. Sendo menino, predomina a cor azul e no caso de ser menina, vem a cor rosa. Mas, não paremos por aí, os primeiros brinquedos também são diferenciados e produzem uma tentativa de determinação do papel social. O carro é brinquedo tipicamente de uso dos meninos e a boneca das meninas, na busca de prepará-las para um futuro de bom desempenho enquanto mães e donas-de-casa.

Fruto de uma construção social que caracteriza a sustentação do caráter autoritário, discriminatório e desigual das relações de gênero, a lógica capitalista, além de aprofundar, naturaliza a divisão que oprime a mulher e coloca a sua inferiorização como condição de valorização do homem.

Através de modelos propostos ambos – menino e menina – são coagidos/as a assumir padrões estereotipados. À menina cabe o espaço do privado, do doméstico, da casa, da sensibilidade, das atividades secundárias; enquanto que fica reservada aos meninos a esfera pública, onde se encontra a liberdade, o direito, a força, o trabalho primário, a sobrevivência da família. Pode-se perceber o ponto de vista masculino sobre esses espaços atravessando as linhas do poema de Gregório de Matos em Priore (1997: 49)

Irá mui poucas vezes à janela;

Mas a mais que puder irá à panela;

Ponha-se na almofada até o jantar,

E tanto de coser como há de assar.

Ao pensarmos dessa forma percebemos que não é possível refletir sobre a sexualidade numa ótica distante do que Foucault nos apresenta enquanto um dispositivo histórico de poder e que iremos discorrer no texto.

Foucault pensa a sexualidade de uma forma até então não discutida. Sua maneira de perceber o poder vai além da centralização no Estado soberano e na Lei, que reprime o sexo. Sua leitura afasta a antiga visão de uma repressão sobre o sexo, para ele, a sexualidade não sofreu, nos últimos três séculos, uma repressão, mas o sexo foi colocado numa rede de discurso, incitando-o a (re)velar-se.

É necessário deixar claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna (Foucault, 1990:86).

Mas será que existe realmente uma repressão da sexualidade? Ao aceitarmos o discurso de repressão da sexualidade como verdadeiro, podemos também contribuir para que ela se mantenha? Será que isso não impede que exista uma liberação nossa?

Para Foucault a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, que se utiliza de mecanismos sutis e delicados, além de vir e estar em toda parte, provém de vários lados e engloba tudo que se faz necessário.

novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mais pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam do Estado e de seus aparelhos (Foucault, 1994:86).

A concepção de poder de Foucault refuta que a soberania do Estado e a imposição da Lei são apenas formas terminais de poder, ou seja, há uma micropolítica de poder que faz com que o Estado e a Lei possam atuar. Devido às desigualdades na correlação de forças estamos em estados de poder

localizados e instáveis. Mas isto ocorre porque o poder se *produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro*. Desta forma, o *poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares* (Foucault, 1990:89).

Nesta concepção, existem dispositivos, ou seja, mecanismos de poder que atuam sobre o indivíduo e a sociedade, e que adquirem caráter "normalizador". Nas palavras de Foucault um dispositivo é

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo (Foucault, 1994: 244).

O dispositivo da sexualidade está inscrito nas várias relações de poder existentes na sociedade, que vão desde o pai ao filho, do homem à mulher, do médico ao paciente, do professor ao aluno etc. Desta forma, a sexualidade se torna um dos elementos eficazes de controle sobre a sociedade e o sujeito.

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade; utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (Foucault, 1990: 98).

Ora, se a história da sexualidade envolve o poder e o desejo, o público e o privado.

(...) se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanente ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; aos apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (Foucault, 1988: 89).

Sobre o corpo do homem, o dispositivo de sexualidade vai atuar, sobretudo a partir do Século das Luzes onde o corpo é descoberto *como objeto e alvo de poder*. (19)

O corpo passa a ser percebido enquanto um instrumento de desejo, lugar privilegiado de sensações, de prazer e com grande possibilidade de manifestação de uma sexualidade. Sendo assim, o corpo que trabalha precisa ser controlado, ser disciplinado e vigiado. E foi nessa perspectiva que o poder disciplinar passou a investir sobre o corpo (Foucault, 1994: 125).

Esse *poder interdisciplinar* apresenta características como a organização do tempo e do espaço. E tem na vigilância um de seus principais instrumentos de controle. Essas características podem ser encontradas e desenvolvidas em um conjunto de espaços, como por exemplo, nos hospitais, nos quartéis, nas escolas, nas prisões e nos conventos

É a disciplina que irá atuar sobre o corpo, nos momentos que controla seus gestos e comportamentos, através de técnicas como testes, entrevistas, interrogatórios, consultas, observações, o que se constitui enquanto uma forma de dominação. Sendo também, o corpo, submetido a uma série de vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todo um micropoder sobre o corpo (Foucault, 1990:137).

Com isso, as técnicas de dominação passam a transformar os indivíduos em sujeitos subjugados. Com as técnicas os indivíduos são classificados e vão em busca de identidades pessoais como exemplo de padrão social coletivo. Dessa forma, a classificação é aceita, internalizada e adotada pelo indivíduo, que se torna vigilante de si mesmo e de uma sociedade "normal".

Sendo assim, a disciplina transforma-se em uma postura, uma atitude e um procedimento natural.

A 'disciplina' não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma 'física' ou uma 'anatomia' do poder, uma tecnologia (Foucault, 1994:. 22).

Podemos considerar também a disciplina como o/a profissional ou a profissão que gera discursos normalizadores do indivíduo e como consequência da sociedade.

Foucault nos alerta que o investimento sobre o corpo não aconteceu inicialmente sobre a classe proletária. Seu controle teve início nas camadas privilegiadas, nelas se construíram e foram aplicadas as técnicas de controle sobre o corpo; e no centro deste controle estava o sexo. Tudo isso partindo da análise de que era necessário construir e consolidar um projeto político para que a burguesia se consolidasse enquanto classe emergente; assim houve como preocupação:

assumir um corpo e uma sexualidade - de garantir para si a força, a perenidade, a proliferação secular deste corpo através da organização de um dispositivo de sexualidade (Foucault, 1990:119).

Então, no século XVIII se desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo. E foi na família que o dispositivo de sexualidade atuou inicialmente, absorvendo e instituindo parâmetros de normalidade e anormalidade.

Foi na família "burguesa", ou "aristocrática", que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças (33) e dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia possível do sexo, a urgência de vigiá-lo e a necessidade de uma tecnologia racional de correção. (...) a burguesia começou considerando que seu próprio sexo era coisa importante, frágil tesouro, segredo de conhecimento indispensável (Foucault, 1994: 189).

Foucault percebeu que a partir do fim do século XVIII até o fim do século XIX houve grandes investimentos sobre a família, e em especial na mulher e na criança. Foi esse investimento responsável e fundamental para a consolidação da classe burguesa. Seus discursos estavam fundamentados na relação das crianças com os serviçais e governantas que ameaçavam a construção de uma sociedade burguesa "sadia". Alguns comportamentos adotados por estes, tais quais a masturbação, eram consideradas prejudiciais à capacidade física e intelectual, o que comprometia o futuro sadio das famílias e da classe social.

Para a burguesia era necessário constituir uma descendência sadia, para uma “nova” sociedade.

O dispositivo de sexualidade atuou também sobre a mulher e atribuiu a ela um novo rol de obrigações conjugais e parentais. Para a sociedade burguesa as mulheres são consideradas 'ociosa' e estão nos limites do 'mundo' e da família, fortalecendo dessa forma o seu papel de mãe. Qualquer contestação da mulher seria a partir de então considerada desvio.

Percebe-se aqui que a teoria da repressão surge através do dispositivo de sexualidade, por isso, para Foucault, é preciso que nos libertemos dela, ou então, continuaremos reproduzindo o jogo deste dispositivo.

Em Foucault, vê-se que a sexualidade é originária e historicamente burguesa, sendo posteriormente imposta ao proletariado, como forma de dependência. Daí, talvez, a tendência de dizer que toda sexualidade é coisa da burguesia e não lhe concerne.

2.2. Gênero no MST: proposição de trabalho

Naturalmente, com os avanços do movimento feminista no Brasil foi identificada a importância da participação das mulheres não apenas no espaço urbano, mas também na zona rural. As trabalhadoras rurais foram percebidas enquanto uma nova força social, sobretudo na organização destas nos sindicatos rurais.

As mobilizações e o incentivo à sindicalização das mulheres demonstram a importância histórica do processo de organização das mulheres trabalhadoras do campo. Representa o avanço nas lutas rurais e o engajamento da força feminina nas lutas agrárias.

A importância de incorporar as lutas das mulheres aos movimentos sociais do campo levou o MST a engajar-se no debate, levantando pouco a pouco às ações feministas em suas bandeiras, como por exemplo: o direito da educação das mulheres, a luta contra a violência e o acesso à livre contracepção.

Na zona rural as mulheres participaram de múltiplas discussões acerca da questão agrária, suas experiências nos acampamentos e assentamentos, a

convivência e reflexões entre si contribuíram para alavancar o debate de gênero no MST.

Entendemos que a compreensão sobre as ações sociais tem que primar pela percepção das linhas difusas e cíclicas do imaginário. Nos posicionamos num viés investigativo que valoriza definições provisórias ou relativistas e que busque na "centralidade subterrânea" da experiência coletiva o jogo de teatralidade e polissemia de sentidos. Os laços que unem as expressões coletivas e congregam o "conhecimento comum" é sempre regado de hábitos, códigos e rituais que adornam as ações sociais (MST, 2002: s/p).

Assim como outros movimentos populares, o MST tem diferentes atores em sua luta e a contribuição feminina estabeleceu medidas capazes de articular as reivindicações das mulheres em nível nacional.

Sendo assim, a participação feminina tem estabelecido medidas para articular as reivindicações das mulheres a nível nacional. Através de uma proposta de um "Coletivo sobre Gênero" tem se buscado tornar visível às diferenças entre os sujeitos da luta pela terra, além de criar e manter discussões constantes sobre o reconhecimento da atuação (MST, 2002: s/p).

Alguns elementos simbólicos do MST apresentam a tentativa de aguçar o debate de gênero nos assentamentos. Um exemplo é a bandeira de luta que traz a imagem de um homem e uma mulher representando os sujeitos que integram o movimento; o facão como ferramenta de trabalho; as cores vermelha, simbolizando o sangue; a cor verde, a esperança; a preta significando a luta e a branca invocando a paz. E por fim, as imagens estão sobre o mapa do Brasil ressaltando que a organização em torno da estrutura agrária é uma exigência nacional.

Mas foi realmente no ano de 1996 que as mulheres do MST se reuniram no I Encontro Nacional de Mulheres do MST e deram visibilidade a seu compromisso assumido. A participação das mulheres foi vista como fator fundamental na organização do MST, indo desde o momento de decisão de ocuparem, até o processo de produção e escoamento da produção depois da posse de terra.

Através do coletivo de gênero, tem-se buscado tornar visíveis as diferenças entre os sujeitos da luta pela terra, além de fomentar debates constantes sobre o reconhecimento da atuação feminina.

Através de discussões nos diversos níveis, o MST lançou propostas de trabalho e ações que visam minimizar as desigualdades entre os gêneros nos acampamentos e assentamentos, e, através do setor de gênero, produz textos, materiais para debates e análises para os homens e mulheres do movimento.

Tem como metas investir na atuação das mulheres nos planejamentos, na execução e nas tomadas de decisões; favorecer medidas educacionais que contribuam para a visão de novas relações entre homens e mulheres. Além de articular os grupos de discussão sobre as mulheres nos municípios, nas regiões e na dimensão nacional, através de campanhas educativas e diagnosticar a participação da mulher nos assentamentos (MST, 2002: s/p).

O MST toma como caráter fundamental de discussão as desigualdades que as diferenças biológicas assumem enquanto uma construção histórica da humanidade.

Não se pode ter a ingenuidade de achar que é fácil alterar as relações de gênero. É necessário todo um processo de transformação de concepção e de comportamento que pode ser muito demorado, especialmente no âmbito doméstico. E é preciso sair do discurso e vivenciar estas mudanças no dia a dia (MST, s/d: 04).

Acreditando que a mudança social se dá dentro das modificações políticas e econômicas (Petras. 1998, 16), através do setor de educação o MST propõe que no cotidiano dos assentamentos a diferença não signifique desigualdade.

a configuração de gênero é determinada da forma psicossocial e histórico cultural: ao longo do tempo, em meio à diversidade de cultura, foram sendo criados e superados códigos sociais, definindo espaços, reforçando papéis e formas de relações (Rego & Oliveira. 1999, 04).

Tornou-se necessário refletir a questão de gênero a partir de valores e de normas estabelecidas. Para tal, introduz-se uma prática reflexiva que vai desde a vida familiar (“dentro de casa”) até os espaços de educação formal (creches e escolas), partindo dos seguintes encaminhamentos:

- *Garantir cirandas infantis nos cursos, eventos e reuniões das instâncias nacionais, estaduais, regionais e locais; cirandas permanentes nos acampamentos e assentamentos para que os filhos não sejam impedimento da participação de mulheres em atividades de formação e no trabalho cotidiano;*
- *Ter 50% de homens e mulheres em todas as atividades de formação e capacitação;*
- *Assegurar que a terra e os créditos conquistados pelo MST saiam no nome do casal;*
- *Assegurar que os projetos de investimento, as definições das linhas de produção, enfim, as decisões econômicas sejam tomadas somente com a participação da família;*
- *Garantir um coordenador e uma coordenadora nos núcleos de base;*
- *Realizar formação intensiva sobre o tema gênero em todos os setores e instâncias (MST, s/d: 08).*

Os diversos setores estão correlacionados com o setor de gênero. sendo assim, o setor de saúde do MST reflete a responsabilidade dos homens e das mulheres no uso de métodos contraceptivos, partindo do princípio de que não é a mulher a única responsável pela gestação. Defende a idéia de que a melhor política de contracepção é o desenvolvimento econômico e social, permitindo o acesso à saúde, educação, alimentação, garantindo o direito à escolha, dando acesso às informações, à educação sexual e aos vários métodos anticoncepcionais.

Um dos grandes desafios do MST está em formar militantes mulheres, já que a concepção de militância é vista como exercício de poder que se constitui normalmente uma atribuição masculina. Para as mulheres militantes a tarefa se torna difícil já que ao optar por militar no MST passam a desempenhar um papel importante na esfera pública, sem deixar de assumir a família enquanto donas do lar. Assim, são cobradas duplamente, em casa e na sociedade.

De acordo com discussões travadas e a fim de materializar seus objetivos, o MST traçou – através de um texto produzido e divulgado pelo coletivo nacional de mulheres intitulado: “A Questão das Mulheres no MST” – formas de atuação e metodologias que propiciem o amadurecimento da discussão de

gênero nos diversos espaços, onde cada setor e coordenação se tornam responsáveis em dar continuidade aos trabalhos e debates, cabendo a eles:

- *Realizar o estudo sobre a situação da mulher no campo, assim como dominar a origem da exploração nas diversas sociedades humanas;*
- *Buscar mecanismos de participação e integração da mulher nas diversas instâncias;*
- *Projetar quadros e ir criando condições para que a mulher possa ir se liberando de sua condição de submissão, e integrar-se nas diversas atividades;*
- *Tirar uma equipe que possa implementar, juntamente com o setor de educação e formação do MST, as discussões que deverão ser elaboradas por homens e mulheres; preparar as discussões nos acampamentos e assentamentos; preparar os estudos para aprofundamento.*
- *Impulsionar a participação das mulheres nas reuniões de base, na preparação das ocupações e em toda família;*
- *Colocar o tema em debate com todos os setores;*
- *Implementar esta discussão em todos os grupos de produção;*
- *Definir na reunião da Coordenação Nacional os estados prioritários (MST, s/d: 09).*

Além das diversas categorias aqui expressadas como preocupação para o MST, outra é a inserção da mulher no mercado de trabalho. As mulheres agricultoras, além de participar do trabalho no campo, destinam cerca de seis horas por dia ao trabalho doméstico – visto como extensão da família e “tarefa para mulher”. E na tentativa de minimizar esta problemática o MST propõe:

- *O reequilíbrio das responsabilidades entre homens e mulheres (dentro e fora de casa);*
- *O acesso das mulheres à variedade de cursos profissionalizantes e ao conjunto de tarefas existentes, a fim de permitir igualdade de oportunidades e, como contrapartida, garantir a entrada de homens em profissões hoje consideradas femininas;*
- *Desenvolver programas especiais de renda e emprego para as mulheres chefes de família (MST, s/d: 10).*

O grande objetivo do MST em inserir o debate de gênero nos vários espaços dos trabalhadores do campo é compreender os mecanismos que produzem e reproduzem as desigualdades e desnaturalizar as relações.

CAPÍTULO III – CANTAR (...) A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ: SINALIZANDO UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA

Antes de iniciar esse capítulo se faz necessário expor meu encontro com a sociopoética. Entendo que falar em metodologia significa construir o percurso do/a pesquisador/a. Segundo Minayo (1993) faz-se necessário elaborar a teoria e os métodos de forma concomitante e permanente retificar o caminho a ser atravessado para se atingir o resultado proposto.

E foi o que fiz. Conheci pessoas do Mestrado em Educação – UFC que estavam desenvolvendo pesquisas e me colocaram frente à proposta da sociopoética. Inicialmente, o meu desejo em realizar uma pesquisa que tivesse como base a produção dos dados pelos/as assentados/as foi o que me fez procurar conhecer essa abordagem de pesquisa.

Fui adiante. Li, questionei e repensei os objetivos da pesquisa. O estudo da sociopoética trouxe inúmeras contribuições para mim, principalmente no que se refere ao meu papel enquanto pesquisadora e ao significado dos sujeitos da pesquisa no processo de investigação.

Em 2002 participei do II Encontro de Pesquisa Sociopoética, realizado em Fortaleza – Ceará. Durante o Encontro aconteceu um curso de facilitadores que tinha como objetivo formar novos/as facilitadores/as e fomentar o debate sobre a sociopoética no Estado.

Esse curso se tratou ao mesmo tempo de uma pesquisa coletiva, tendo como início das atividades a escolha do tema gerador pelo grupo. Através das técnicas e discussões foi eleito o tema “a construção das relações no grupo”, levando a analisar as possibilidades de um trabalho coletivo. O curso representou claramente uma vivência expressiva e questionadora. Se anteriormente encontrava-me confusa e indecisa, a participação no curso foi determinante para minha escolha.

Ao mesmo tempo indagações giravam em torno de mim: será que estou optando pelo mais coerente? Será que é apenas a atração pelo novo? Verdadeiramente só percebi e compreendi a proposta da sociopoética após

vivencia-la. Foi durante o curso que embarquei na viagem das descobertas e desvendei as variantes entre a sociopoética e as demais formas de pesquisar.

Ao reconstituir meu processo de escolha pela sociopoética tento deixar claro que a proposta me agrada por dois fatores principais: o fato de se ter o grupo pesquisador como principal produtor e analisador dos dados, e a importância dada ao processo de restituição da pesquisa.

Mas o que é restituição? Trata-se de um dispositivo da Análise Institucional que propicia analisar coletivamente as relações que perpassam determinado grupo.

A restituição não é um ato caridoso e gentil; é uma atividade intrínseca à pesquisa, um feedback tão importante quanto os dados contidos em artigos, revistas e livros científicos ou especializados. Ela nos faz considerar a pesquisa para além dos limites de sua redação final; ou melhor, de sua transformação em mercadoria cultural para servir unicamente ao pesquisador e à academia (Lourau, 1993: 56).

Acredito que a restituição vá um pouco mais além da socialização dos dados da pesquisa para um público maior, não se restringindo ao repasse de informações.

Para mim descobrir outras formas de linguagens também é um desafio e a cada dia amadureço. A minha aproximação com a sociopoética favoreceu uma compreensão maior da pesquisa e alimentou meu desejo em busca do conhecimento.

3.1. Só não existe o que não pode ser imaginado: A proposta da sociopoética

A sociopoética (SCP) é uma abordagem de pesquisa idealizada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier que teve como ponto de partida suas vivências na Nova Caledônia/Kanaky.

No Brasil seguiu seu processo de amadurecimento com a contribuição de sua orientanda Iraci dos Santos, que por sua vez expôs o desejo de não sofrer durante o processo de pesquisa.

Diante do nosso compromisso pessoal com o não sofrimento durante o processo de orientação resolvemos destacar as nossas aspirações pessoais e institucionais (Gauthier, 1996: 10).

Iraci buscou então colocar em prática as reflexões de Gauthier, convocando a criatividade, a sensualidade, a memória, a imaginação, enfim tudo que se chama de poiética – do grego “poiein”, criar.

A SCP apresenta 5 grandes preocupações:

a importância do corpo como fonte do conhecimento;

a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;

o papel dos sujeitos, pesquisadores como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, “co-pesquisadores”;

o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar;

a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo da construção do saber (Gauthier, 1999: 11).

Quando a SCP afirma a importância do corpo, da espiritualidade, da produção de dados, do papel da criatividade; declara também que não podemos, no processo de pesquisa, separar *a razão, e os outros modos de pensar, a intuição, emoção e sensação* (Gauthier, 1999: 26). E ainda:

O corpo de cada um de nós é uma forma de vida, que por ter uma história (pessoal e também coletiva, pois a nossa sensibilidade, e sem dúvida nossa própria razão foram formadas desde a infância por toques, olhares, cheiros, palavras ditas, histórias, gostos) e raízes ancestrais ainda atuante, vivas, irradiantes, sabe muitas coisas – algumas claras, outras escuras e outras claras-escuras (Gauthier, 1999:23).

Nesta perspectiva, a SCP vislumbra superar alguns obstáculos, caminhando na construção de algo que transgride o pensar, o escrever e que rompa com as práticas limitadoras.

A SCP está inspirada em algumas linhas teóricas, entre elas a Análise Institucional (AI), a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e a escuta mito-poética de René Barbier.

Da AI vem a proposta de pensamento e intervenção, utilizando-se de vários conceitos que permitem operacionalizar suas práticas de atuação, notadamente o conceito de analisador.

A sociopoética toma emprestado o conceito operativo de analisador. O analisador é uma pessoa, um acontecimento ou fenômeno que revela algum traço fundamental da face oculta da instituição, que traz à tona a coisa não dita, rechaçada como não significativa ou inexistente (Petit, 2002: 36).

Mas o que torna a Sociopoética diferente? Nela, não existem “os/as pesquisados/as”, e sim os/as co-pesquisadores/as que estabelecem uma relação de parceria com o/a pesquisador/a oficial. Este dispositivo¹⁵ está inspirado na releitura da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, com sua idéia de Grupo Pesquisador - GP que se configura no processo de transformação dos/as pesquisados/as em sujeitos co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos.

A sociopoética quer romper com essas práticas de exploração e alienação. Criando dispositivos que gerem espaços e tempos para que as pessoas alvo da pesquisa, individualmente segundo uma vertente e grupalmente segundo a outra, tomem poderes os mais amplos possíveis na produção do conhecimento e na realização da pesquisa, até o fim (Gauthier, 1999: 41).

E o que fará o pesquisador? Na Sociopoética o/a pesquisador/a oficial é denominado/a facilitador/a e seu papel não está em falar a verdade, mas em utilizar dispositivos que façam emergir a polifonia de sentidos na investigação. É fundamental que os vários olhares, expressões e sentidos sejam vivenciados pelo grupo, sendo o/a facilitador/a fundamental na dinâmica desse processo.

No que diz respeito ao papel do/a facilitador/a a SCP tem como referência René Barbier e a sua experiência de escuta sensível, onde:

o pesquisador deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação, em cada ser. Pois estes ritmos pertencem

¹⁵ Este conceito foi criado por Michel Foucault e reflete sobre todo tipo de montagem que propicie naturalmente ou de maneira propositada o surgimento do novo, do heterogêneo e/ou singular. Para Petit (2002: 42) o dispositivo é (...) *potencialmente gerador de dados não previsíveis, que permitam tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento.*

integralmente ao processo de produção do conhecimento (Gauthier, 1999:14).

Na SCP busca-se uma investigação prazerosa, que respeite o ritmo do/a outro/a, sabendo que é permitido o encontro de múltiplos caminhos que poderão (ou não) trazer respostas locais e parciais para as inquietações.

3.1.2. As fases da pesquisa sociopoética

Muitas pesquisas científicas se deparam logo com um primeiro obstáculo: onde desenvolver a pesquisa? Qual tema será trabalhado?

Esta dúvida se torna determinante à medida que o/a pesquisador/a, com o poder em suas mãos direciona os estudos apenas conforme seus interesses, escolhendo o tema, as técnicas etc. Sendo assim, os desejos, as possibilidades e as indagações dos/as pesquisados/as são remetidos a um buraco sem fundo.

Na Pesquisa SCP o primeiro momento é a escolha da temática. Em geral busca-se discutir com o GP o tema, sendo possível ser elencado pelo/a pesquisador/a, mas sendo coerente com a proposta da SCP o ideal é a busca de negociação do tema entre o GP e o/a pesquisador/a.

... sabemos que é comum o pesquisador chegar num local para investigar algo que só interessa a ele e que por vezes não apresenta sequer relevância para os pesquisados (Petit, 2002: 41).

A AI reconhece a importância das motivações pessoais do/a pesquisador/a como parte intrínseca do processo de investigação, admitindo assim a não neutralidade da escolha do tema. Este é um dos eixos apreendidos na Análise Institucional: o conceito de implicação.

Para Lourau (1993: 28), um dos sentidos da implicação é a aceitação da existência de um conjunto de condições para a realização do trabalho. Ou seja, uma pesquisa parte das motivações pessoais (políticas ou subjetivas) do/a pesquisador/a e não apenas das justificativas objetivas apresentadas.

Dessa forma, a AI reforça a idéia de não - neutralidade do pesquisador, uma vez que visa construir um conhecimento ou uma ação onde se verifica

a relação entre o ponto de vista do pesquisador e a realidade pesquisada (Lourau, 1993: 10).

Nos casos em que a pesquisa parte da motivação inicial do/a pesquisador/a, o primeiro momento se trata da apresentação da pesquisa ao GP. Durante este processo é importante que o/a facilitador/a busque identificar as demandas do GP, *objetivando* fomentar o debate do Tema Gerador (TG).

É mais interessante que o/a facilitador/a escolha um tema orientador baseado em suas perguntas; e, no decorrer da pesquisa, que ele/a redirecione essas perguntas, a partir do que surge no grupo. Assim, ele/a pode confrontar-se com o imaginário do grupo, que seu tema de pesquisa inicial não é pertinente, ou não interessa ao referido grupo (Gauthier, 1999: 16).

Sugere-se que o GP seja composto por um número máximo de 20 pessoas e no mínimo de 6. O número proposto decorre de diversas experiências já realizadas e busca garantir a escuta sensível e uma produção de qualidade onde todos/as participem da produção, análise e contra-análise.

Após confirmação do tema, acertado o horário e dias dos encontros, é iniciado a segunda fase: produção dos dados.

A produção dos dados deverá acontecer após um relaxamento – parte integral da pesquisa – tendo em vista trazer à tona o que está recalcado:

Ele é o momento da pesquisa, mesmo. Os membros do grupo-pesquisador devem conseguir baixar seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual (Gauthier, 1999: 53).

O relaxamento tem como objetivo deixar fluir os saberes imersos em cada um/a e coletivamente. Este relaxamento permite que se expresse *a força que proporciona a criação de imagens, a imaginação* (Gauthier, 1999: 53).

Para um bom processo de pesquisa recomenda-se a utilização de ao menos duas técnicas distintas, pois poderão possibilitar resultados diferentes e gerar a descoberta de dimensões divergentes ou complementares. Propõe-se o emprego de instrumentos que proporcionem o uso dos 5 sentidos.

A sociopoética operacionaliza esse pensamento utilizando técnicas artísticas e suscitando o conhecimento através dos cinco sentidos (...) exercícios de idéias mediante cheiros, sabores, sons, sensações táteis, etc. recorre também a linguagens mitológicas – ocidentais e orientais (...) (Petit, 2002: 40).

Através das técnicas utilizadas procura-se superar as resistências encontradas (ou não) no processo de produção de dados, estas técnicas propõem *proporcionar a fluidez, o bem estar e até o prazer* (Gauthier, 1999: 17), na perspectiva de revelar o que está escondido pelo consenso social.

É uma tentativa de convocar a criatividade, a sensualidade, a sensibilidade, a memória, a imaginação, enfim, tudo que pode se chamar de poética é uma ajuda preciosa na liberação do saber grupal e pessoal implícito, num sentido crítico (Gauthier, 1999: 22).

Após a produção dos dados pelo GP a próxima fase será o momento em que o/a facilitador/a sistematizará as análises e produções do GP. Sendo que a voz do/a facilitador/a não é a mais verdadeira, ou seja, todas as vozes darão sentido “real” ao que foi produzido.

Após o/a facilitador/a realizar suas análises e considerações estas serão apresentadas ao GP. Irá confrontar sua análise com as visões dos/as co-pesquisadores/as, que poderão aceitar ou rejeitar a análise do/a facilitador/a. Este momento é denominado de contra-análise, aonde o/a facilitador/a irá apresentar suas análises de forma sintética, evitando o cansaço, pois a motivação dos/as co-pesquisadores/as é determinante para a avaliação coletiva.

Neste momento o/a facilitador/a deverá estar atento em proporcionar espaço para que o individual e o coletivo estejam presentes nos múltiplos olhares dos/as co-pesquisadores/as.

Oposições e desacordos podem persistir dentro do grupo, ou entre o pesquisador – que trabalha a partir da sua própria cultura acadêmica e das suas implicações – e o grupo pesquisador (Gauthier, 1999: 24).

Lembramos que a avaliação é elemento intrínseco e permanente no processo da pesquisa, levando sempre em consideração críticas e sugestões.

A análise e avaliação pelo grupo é um processo constante no decorrer da pesquisa, sendo esta sempre aberta a críticas, novos direcionamentos, novas experimentações, sugeridos por membros do grupo pesquisador e aceitos por estes (Gauthier, 1999: 48).

A última fase é o processo de elaboração do texto final que contará com o cruzamento das idéias do GP e facilitador/a. Já a forma de socialização é deliberada/escolhida pelos participantes da pesquisa. Esta fica ampliada à criatividade do grupo, podendo ser qualquer forma de linguagem e expressão, dependendo do que melhor atender às expectativas do GP, no sentido da *poética da existência* (Gauthier, 1999:50).

3.2. Os primeiros contatos com o Assentamento Pedro e Inácio

*Geralmente descobrimos o que fazer
percebendo aquilo que não devemos fazer. E
provavelmente aquele que nunca cometeu um erro
nunca fez uma descoberta*

Samuel Smiles

Os primeiros contatos com os/as co-pesquisadores/as foram feitos através de uma visita em 2001. Visitamos¹⁶ a área na perspectiva de reaproximação do assentamento e reestabelecimento de relações com a nova diretoria da cooperativa.

Retornei sozinha ao assentamento em 2002, mais especificamente em agosto. Na data prevista para o primeiro encontro com o grupo de EJA houve também uma feira na cidade promovida pelo MST. Causou-me grande transtorno, pois não seria mais possível apresentar a proposta de pesquisa no assentamento.

¹⁶ Neste caso, fomos Roger e eu, companheiro de monografia da UNICAP. Aproveito para explicar minha escolha por trabalhar com a terceira pessoa do plural: Desde os primeiros encontros contei com a contribuição de 2 pessoas, a primeira foi Roger que participou do momento de reaproximação do assentamento; a segunda foi Rivânia que participou das oficinas, de alguns momentos da análise e de todo processo de contra-análise. Dessa forma evito ausentar as pessoas que colaboraram com a execução dessa pesquisa.

Por outro lado, fui convidada a participar do IX Encontro Estadual de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária, realizada de 17 a 21/09 em Caruaru/PE. O Encontro proporcionou uma nova abertura com o MST de PE, já que me encontrava distante. Ao retornar desse evento segui diretamente para o Assentamento – pois estava marcado o primeiro encontro com o grupo de alunos/as do EJA.

Durante dois dias no assentamento não foi possível o encontro com o grupo do EJA. Nesse período não houve aula, o que inviabilizou o processo de discussão com os/as alunos/as sobre a proposta de pesquisa.

Perguntei-me: qual será a dificuldade em realizar esta pesquisa? O fator dificultador se deu pelo fato do assentamento ter conseguido mais um espaço na cidade para escoar a produção: a Feira da Reforma Agrária. Isso comprometeu o tempo dos/as trabalhadores/as.

Ora, a existência de uma boa produção e a possibilidade de repasse da produção, sem intermediário, significou que para os/as assentados/as era mais interessante priorizar o trabalho.

Preocupada com o comprometimento na qualidade da pesquisa, resolvi retornar ao assentamento e procurar o coletivo de jovens. O grupo tem pouco tempo de formação e expressou disponibilidade e interesse na realização das oficinas.

Na SCP é fundamental o interesse e o compromisso do GP – já que este irá produzir e também participar da análise dos dados – então a mudança foi percebida enquanto aspecto fundamental para a realização da pesquisa.

A partir dessa compreensão realizamos uma reunião com a direção do grupo de jovens sobre a proposta da pesquisa. Discutimos aspectos como: o interesse, o espaço físico para os encontros, o tempo de duração, a disponibilidade dos jovens e o número limite de participantes. Ficou então marcada a primeira reunião para o dia 08/10/2002, às 19 horas na casa grande¹⁷.

¹⁷ Conforme explicitado anteriormente é o local utilizado para a realização de reuniões dos/as assentados/as e também espaço para alojamento de visitantes.

Devido à ausência de atividades no assentamento as oficinas aos poucos foram se tornando grandes encontros. O tema escolhido pelo Grupo de Jovens – GJ após uma reunião de negociação ficou sendo: direitos e deveres dos homens e mulheres.

Houve momentos em que participaram 36 pessoas de idades diversas e que não estavam no GJ e inibiam a participação de muitos/as adolescentes. Percebendo que o número excessivo de pessoas estaria comprometendo a qualidade e o andamento das oficinas, optamos por delimitar o número de participantes. Em contato com a coordenação do GJ foi adotado o critério de participação efetiva no grupo, sendo elaborada neste momento uma lista com os nomes dos/as possíveis co-pesquisadores/as.

Então apontamos aqui a existência de 2 GP; um primeiro que teve sua formação com pessoas interessadas envolvendo jovens, adultos, crianças e adolescentes; e outro com um grupo delimitado que findou na pesquisa apresentada.

O tópico abaixo traz todo o processo da pesquisa, desde a formação do GP até a contra-análise. Estão presentes as angústias, surpresas e alegrias vivenciadas no assentamento e também nos momentos coletivos e individuais de reflexão.

O diário de campo – companheiro de reflexões – está organizado de acordo com as vivências. Para que não se perca seu sentido dentro do trabalho, este estará sempre fazendo parte do texto¹⁸.

3.2.1. Perfil do grupo co-pesquisador

Recomeçando todos os trabalhos com o novo grupo realizamos uma nova apresentação. Esta se consistiu na utilização da técnica dos quatro elementos, apresentada logo abaixo.

¹⁸ Em alguns momentos o diário de campo expressa os sentimentos individuais (meus) e em outros representa as reflexões realizadas coletivamente (entre Rivânia e eu). Suas considerações estão apresentadas no texto através de letra diferenciada.

Ainda que achássemos inicialmente a apresentação uma atividade redundante, esta revelou-se fundamental para a compreensão do/a leitor/a, além de permitir ao GP um maior autoconhecimento e respeito do/a colega.

(...) organizamos uma segunda apresentação no intuito de facilitar o processo de interação do GP. Apesar das pessoas serem da mesma comunidade percebemos que seria fundamental uma compreensão individual do que seria realizado no coletivo. Quer dizer, se não houver o respeito às produções e análises individual, o grupo (como um todo) poderá ter medo de expressar-se.

A técnica contribuiu para o entrosamento do grupo e proporcionou o entendimento do/a outro/a com respeito.

(...) o fato do grupo já ter se apresentado em encontros anteriores, contribuiu para que a oficina tomasse rumos inesperados. O inesperado não foi apenas o desenrolar tranqüilo das atividades, mas o que nos surpreendeu foi a escolha da temática (sexualidade). Havíamos organizado as produções anteriores para rever o tema e a presença de duas pessoas deu outro rumo ao GP. A colocação de cada um/a foi a voz de todo grupo, todos concordaram com o tam, ficando claro para nós que o medo e a vergonha não permitiam a exposição de grande parte do grupo.

A escolha de um novo tema gerador foi necessário não somente pensando na continuidade da pesquisa, mas o GP precisou dar um novo rumo ao processo.

Apesar da necessidade em debater direitos e deveres, enquanto aspecto essencial para reflexão de uma nova sociedade, a realidade da questão de gênero sobre a SEXUALIDADE¹⁹ é um aspecto presente no íntimo de cada um/a, e foi justamente pensando nesse aspecto que o GP²⁰ propôs o novo tema gerador.

(...) tivemos medo da escolha, mas não sei por que, achamos que é a delicadeza da temática, a maturidade que deverá existir para refletir e expor as reflexões sobre o assunto (...) não sabemos o que vai ser, mas acredito que vamos ter muito trabalho

¹⁹ Entendemos que a discussão de gênero perpassa diversos campos, e entre eles a sexualidade.

²⁰ O grupo é formado por jovens que estão no ensino fundamental, com a idade entre 16 e 20 anos.

no sentido de conseguir que os/as CP exponham seus sentimentos e desejos sem medo e vergonha.

No momento das apresentações do GP, todos/as se referiram aos elementos presentes no seu espaço. O diferencial dessa juventude é o apego e respeito à comunidade e à terra conquistada ao preço de sangue. Cada um/a traz dentro de si um espírito de trabalhador/a rural, sendo difícil encontrar o desejo de morar na zona urbana.

As atividades no espaço da terra os ligam e suas vivências não os permitem imaginar muito além de sua realidade. Esse fato me suscitou momento de reflexão e angústia que expressei nesse verso:

*às vezes me pego a pensar
que futuro haverá?
será possível enxergar?
assim não dá
às vezes não sei
acho que existe organização e interesse
mas não tem indignação
onde está o desejo de luta?
onde está o MST?
onde está a luta pelo chão
chão que vai além do cheiro de terra
que atravessa o limite da realidade
onde está a luz?
chega de escuridão
a luta pela terra vai muito mais além irmãos.*

Apesar das nossas angústias (sentimento comum em uma pesquisa) a apresentação ajudou a reforçar a ligação do GP com sua história e sua luta. A técnica consistiu na utilização de um relaxamento, onde cada um/a imaginou um elemento da natureza e em seguida aquilo com o qual se assemelha.

É interessante que nossa presença seja uma alegria para o assentamento, mas sentimos algumas vezes a mudança em alguns hábitos do cotidiano da casa em que somos hospedadas. Pensando nisso fiz essa pequena poesia sobre nossa anfitriã, que sempre foi muito cuidadosa em nos alojar:

Dá licença dona Nevinha

Não viemos incomodar

Desculpe a bagunça

Mas nós ainda vamos voltar

Não é por acaso

Nem só diversão

É uma pesquisa

Que viemos trabalhar

Com os jovens

Com seu filho

Nos viemos produzi

Questionar e refletir

Uma questão importante pros jovens do MST

E pra quem tem mais “puder”

Não é fácil entender

As diferenças desse lugar

Invadindo, ocupando

O MST foi chegando no lugar

Conquistou terra, trabalho

Mas tem muito por fazer

A vida não é só sobreviver

Atenção e preocupação

Na prevenção e informação

Sexualidade é um tema importante

Tão relevante

Quanto a luta pelo chão.

CAPÍTULO IV – EXPERIMENTANDO A PRODUÇÃO DE DADOS

4.1. A Viagem pela ponte do imaginário

A técnica foi utilizada um dia após a definição do tema gerador. Iniciamos a atividade a partir de uma massagem em dupla, onde cada um/a com os olhos fechados e seguindo a música massageou o/a colega ao lado.

Após a massagem realizamos o relaxamento, com todos deitados no tapete guiando-os/as pela viagem pela ponte e seguindo o roteiro:

Vamos viajar para um lugar e neste lugar está a sexualidade. Mas antes de chegar lá vai ser preciso passar por uma ponte. Você está vendo esta ponte? Como ela é? Qual a forma dela? O que você sente ao vê-la? Tem algo embaixo da ponte? E dos lados? Mas existe um obstáculo? Que obstáculo é esse? Qual a cor? E a forma? O que é? Você está com medo? Para sua surpresa algo vai ajudar você. O que está lhe ajudando? Qual a forma? É uma pessoa? Um animal? Um objeto? O que é? Quem está lhe ajudando? Como foi essa ajuda? O que você está sentindo? E agora (...) chegando do outro lado, como é esse lugar? Como é o lugar onde fica a sexualidade? Observem os detalhes.

No segundo momento, o grupo se dividiu de acordo com os elementos escolhidos, dando início às produções individuais. Logo após o GP formou um grande círculo onde cada um/a expôs a sua produção, relatando também os sentimentos durante o relaxamento.

No começo fiquei com vergonha, mas com a música acontecendo e os olhos fechados, tive mais coragem.

Eu acho que ele teve mais vergonha que eu, as costas dele ficava se tremendo. Mas é assim mesmo, a gente nunca tinha feito isso um no outro.

Não sei, acho que é a falta de costume mesmo. Depois de um minutinho eu fui relaxando mais e depois fiquei mais tranquilo.

Na verdade eu não consegui relaxar rápido. Fiquei muito tensa com a massagem. Mas depois a gente se acostuma como falou as meninas .

A massagem até ajudou na viagem, ela me deixou mais relaxado. Foi menos difícil fazer a viagem depois da massagem .

À medida que um/a falava os/as colegas expressavam suas opiniões através do olhar, ou de um gesto discreto.

Percebemos uma dificuldade do grupo em concentrar-se no relaxamento. Por outro lado, a massagem em dupla favoreceu o contato físico entre o grupo e provocou um maior entrosamento do GP, principalmente no que se refere ao tocar o/a outro/a sem medo:

(...) apesar do relaxamento ter refletido de forma positiva, percebemos uma timidez na exposição dos sentimentos, por parte do GP (...) pensando bem isto já se apresenta enquanto um dado, uma informação nova (...) nunca pensei que o GP iria ter tamanho temor (...)

Em geral, as expectativas do GP foram superadas e o relaxamento contribuiu no entrosamento do grupo, o que de certa forma facilitou o debate.



Para finalizar o encontro realizamos uma rápida avaliação sobre as atividades. Este demonstrou resultado positivo, como expressaram alguns/algumas CP:

Ainda não tinha tido nada assim no assentamento, os outros não fazem a gente ficar assim, não. Isso ajudou a pensar, a viajar pela ponte.

É bom ter essas coisas aqui, a gente não tem o costume em pensar, assim junto de outras pessoas, sobre sexualidade. Vai ser bom pra gente perder vergonha.

Eu pensei que ia ter vergonha, mas não tenho mais não. Aqui todo mundo ouve e fala, é bom pra isso.

Logo abaixo estão as falas individuais (dados produzidos). Para melhor visualização do/a leitor/a seguem mais à frente os desenhos de cada CP:

FALAS DO/A CO-PESQUISADOR/A²¹

Era um dia lindo. Um dia chuvoso e o menino resolveu passear na chuva até ir na ponte que tanto gostava. Ele gostava da ponte porque lá perto havia muitas flores e água escorrendo. No outro dia ele foi novamente e estava fazendo sol e ficou olhando a pedra do rio. Lá havia muitos peixes pulando.

O obstáculo era a cobra e eu não consegui passar, fiquei olhando o rio, não veio ninguém me ajudar. Preferi ficar do outro lado porque era mais seguro, mais certo de não ser mordido pela cobra. Eu não gosto de cobra, tive medo realmente.

Meu nome é Severino de 21 anos. A história é de uma grande amizade. Não sei se estava acordado ou se estava dormindo, mas bem queria que se tornasse real, e que a nossa amizade nunca se acabasse. Era uma vez uma linda menina que se encontrava solitária. Um dia um rapaz que se encontrava no mesmo estado de solidão convidou-a para passear em um vale que só ele conhecia. O seu desejo é que ela pisasse com ele naquele lindo vale perdido.

²¹ Nas apresentações das falas fizemos algumas correções no português do texto produzido pelos CPs.

Ao chegar perto do vale eles viram o primeiro obstáculo: uma ponte de tábuas. E ela disse – Estou vendo um lindo vale, mas nunca terei coragem de passar pela ponte. E o menino para não deixar ela mais triste, foi buscar para ela uma linda flor vermelha, para representar o quanto ele gostava dela. Amiga assim é eu e você: não podemos baixar a cabeça diante de nosso primeiro obstáculo. Busque ajuda e deixe que alguém te ajude.

O meu eu não escrevi só desenhei. Tinha medo de atravessar por causa das doenças, tenho medo de ficar doente. Eu não atravessei a ponte, não tinha ninguém para ajudar e eu fiquei do outro lado.

Ao desenhar pensei no primeiro amor da minha vida.

Era um dia lindo de sol, as nuvens claras, pássaros voando no céu. Ao caminhar pela ponte para reencontrar o grande amor da minha vida veio o medo dentro de mim. Me deixei sofrer cada vez mais. E eu não fui ao encontro do meu amor.

Esse desenho e a redação são relacionados a mim mesma e a minha vida...o obstáculo foi o medo...eu não tive coragem de atravessar, eu voltei no meio do caminho. Isso está acontecendo comigo. É de agora, não é de tempo. Na verdade o jovem de agora como a gente que está se formando tem um sentimento por outro, né! E através desse sentimento amoroso vem o medo, isso não acontece só com jovem acontece também com adultos. A gente vê. Acontecem várias coisas na vida deles que atrapalha o reencontro do seu grande amor. Isso é uma realidade da vida da gente e a gente não tem que baixar a cabeça não, não custa nada tentar. Ao tentar você não perde nada, tentando a gente só tem a ganhar.

Era uma vez um dia lindo com a manhã de o sol lindo, que estava brilhando muito. Fui passear no rio quando encontrei uma pessoa linda que estava apaixonado por mim. Ele estava tão alegre que me deu uma rosa linda.

O obstáculo era o homem na minha frente e foi ele que me ajudou a atravessar a ponte.

Um dia resolvi passear e fui em um belo lugar, encontrei uma ponte e resolvi

atravessar. De repente apareceu uma cobra e comecei a gritar, pois a cobra estava pronta para morder. Apareceu um rapaz e matou a cobra, passei a ponte e fomos ao outro lado. Começamos a conversar. Afinal estava nascendo um grande amor. Jamais esquecerei aquele dia, foi uma grande aventura.

Era um dia lindo, pensando e passando por uma ponte imensa, imaginando e pensando a natureza, suas belezas, a água navegando. Fiquei imaginando ao chegar do outro lado. Terminando de atravessar me dei conta do amor de uma pessoa que eu amava e fui feliz para sempre com o amor da minha vida.

Tinha um obstáculo e Jesus tirou da minha frente...era uma cobra e eu tenho muito medo dela.

Artista Maciel, 19 anos. Antes de entrar nessa ponte o homem e a mulher não se gostavam ou tinham medo do perigo que um passava para o outro, o HIV. Atravessar a ponte era um das coisas que poderia mudar ou conscientizar que havia uma maneira dos dois se amarem através do rio, das flores, dos pássaros e etc. Daí aconteceu a mudança, onde o homem encontrou segurança para amar a mulher e a mulher amar o homem. Depois daquela bonita paisagem passaram a se amar como os dois pássaros, sem medo e sem perigo. Ame, mas se proteja, use o que for necessário. Use camisinha.

O obstáculo que eu encontrei foi o perigo do HIV. Quem ajudava era a força do casal e a vontade deles se amarem...a força de vontade dos dois. Eles tinham esse medo....então o obstáculo foi o HIV e a força maior foi a vontade de se amarem, e até encontraram um modo, uma forma de se amarem sem perigo.

Eu fiz assim...eu não escrevi. Aqui sou eu querendo atravessar a ponte com meu amor para viver a sexualidade, mas tem o medo, só que eu consegui atravessar sozinha e ninguém me ajudou

Era uma vez um dia de alegria. A alegria em minha frente que eu nem percebi quando fui passando pela fronteira. Dei de cara com a alegria, quando olhei nem deu medo mais, fui passando, percebi que o medo foi esfriando naquela hora. Enfrentei muitos obstáculos e quando olhei era alguém que eu nunca tinha visto, que se chamava alegria.

O obstáculo era um sapo...que eu tenho muito medo. E quem me ajudou foi a alegria que eu estava querendo encontrar.

Era uma vez um menino que tinha vergonha de conversar com seu pai sobre suas mudanças e sofria com isso.

O obstáculo era a mudança em seu corpo. O amor ajudou...uma mulher.

Passeando pela ponte na maior felicidade dei de cara com um obstáculo , uma cabra. Eu me “pelo” de medo disso. Quando olhei para frente encontrei alguém que me ajudou a vencer esse obstáculo. Levou-me a um lugar que parecia o paraíso, onde havia flores e grama. Esse alguém era o amor da minha vida.

4.1.1 – Análise plástica

A SCP propõe o exercício da intuição, através da análise plástica. Trata-se de uma reflexão prévia às análises da fala, onde unimos os desenhos de forma aleatória e passamos a refletir sobre o que cada desenho/figura nos sugere. Neste caso sigo uma lógica pessoal passeando pelas produções sem critério racional.

Vão figuras

Essa forma de análise possibilita a criação de metáforas que por sua vez podem ser levadas aos/as CP para confirmação ou negação. Nessa tentativa de “viagem íntima” pelos desenhos produzi o seguinte texto:

Entre o nada e o tudo a vivência da sexualidade se perde entre curvas e formas concretas e incertas. O caminho não tem fim nem início, a sexualidade ultrapassa as barreiras do pensar e agir. Para alguns não se vê nada, mas é a expressão de um pensamento confuso entre o querer e o viver que se expressa.

A ponte é segura, mas o medo da sexualidade está na violência e na falta de compreensão que os adultos têm para perceber a necessidade de se discutir sobre o tema. A impossibilidade do diálogo gera medo e desconfiança nas crianças e adolescentes. O caminho a se seguir não se sabe, se por baixo da ponte quando o rio secar, ou se pela ponte, mas o desejo de conhecer e viver são mais fortes e irão superar o medo. Para seguir o caminho da ponte será preciso esperar que em algum momento alguém desista de vigiar e será nessa hora que a repressão irá recuar e dar espaço para a vivência da sexualidade.

O lugar da sexualidade é tão pequeno e escondido que não permite diálogo. A comunidade está sempre a vigiar, mesmo todos sabendo que existe a sexualidade, nada é discutido. O sol brilha do outro lado e a ponte é firme e segura. Os recém casados seguem o caminho em tranqüilidade, pois para esses a sexualidade é permitida. Mas para outros/as o caminho é esconder a descoberta, e viver as escondidas para não ser reprimido.

Para uns a ponte não traz tanta segurança, e o caminho é cheio de obstáculos. Para outros/as viver a sexualidade traz a privação de coisas como o futebol. A escolha ainda é difícil, se imagina o que poderá ser quando atravessar a ponte. O sol que brilha do outro lado é para todos, até a cobra que em um momento foi obstáculo, agora está guiando o caminho. Mas o menino pensa nos ensinamentos da bíblia, que fala que a cobra foi a tentação e prefere não viver a sexualidade. Então o menino ainda não o segue, prefere ficar e aproveitar outras belezas da vida.

Para atravessar a ponte o menino convida a menina. Nesse momento é o carinho e a compreensão que supera o medo do HIV. Viver sem segurança às vezes pode trazer a morte, por isso a preocupação do casal. O outro lado convida-os para vivenciar belezas da vida, com os pássaros e seus vôos rasantes. O céu, com seu brilho, passa a ser um convite irresistível. No caminho a insegurança ainda é um obstáculo, mas o amor e o respeito os levam à sexualidade. O lugar da sexualidade é o lugar do amor, do respeito e do amar sem medo. A prova de que se ama é o sexo, agora já não basta sentimentos falta algo a mais. Mas o casal tem segurança e os espaços permitem que vivam a sexualidade. Não se trata de viver às escondidas, mas de todos fecharem os olhos para a sexualidade.

O rio que leva ao caminho da sexualidade tem uma ponte que não deu segurança a menina. O menino, mais experiente, a espera do outro lado. Convida-a e ela não tem certeza. O grande obstáculo está na gravidez. O rio enche e não permite que a menina viva a sexualidade, ela prefere plantar algumas sementes, adquirir segurança para só depois experimentar o sexo.

A ponte ocupa toda a vida e está na hora da menina viver a sexualidade, correndo afobada, seus cabelos estão assanhados. O menino já a espera do outro lado. A ponte é sólida, o sol brilha de forma extraordinária. O rio é um convite e a menina irá cortar caminho pelo rio para chegar ao seu grande amor. Assim é a sexualidade para o casal, possui perigos e dúvidas, não se sabe qual o mais rápido e o melhor caminho para se seguir. Para os dois não há mais tempo a perder, o amor e o desejo são muito fortes. Tudo está acertado e pronto, o encontro com a sexualidade será maravilhoso. Os dois já fizeram planos: seguirão a vida juntos, como os pássaros.

Para uns a ponte nem existe, ela já foi derrubada pelo rio e a única forma de atravessar é nadando. Mas a menina não sabe nadar e o menino já está lhe esperando. A sexualidade está no encontro de um companheiro que nem sempre caminha ao lado. A menina fica solitária, mas alegre. Existe alguma forma de viver a sexualidade, ela vai aprender a nadar ou esperar o rio secar, mas um momento vai conseguir atravessar e encontrar seu amor. Enquanto isso vive sem ter com quem conversar sobre a sexualidade, fica solitária, mas também alegre.

A ponte que leva à sexualidade é segura, mas não é o único obstáculo para João atravessar. Seu grande amor está casada e vive muito bem com o marido, aliás é o casal mais unido da comunidade. Ele tenta muitas vezes atraí-la para perto dele, mas ela não vem. João continua a levar sua vida com alegria, mas no fundo está triste em não ter a possibilidade de viver esse amor impossível. Ele tem medo do que a comunidade irá falar e se o seu amor será aceito pela menina.

Em um dia ensolarado o menino espera escondido para encontrar sua namorada. Na verdade, a comunidade colocou muitos obstáculos para a sexualidade: um deles é que o sexo antes de casar não é permitido e outro obstáculo é a idade, pois falam que os dois são jovens demais. A ponte estreita

não é um obstáculo para os dois. Ela se transforma em um obstáculo para a comunidade que tem medo de atravessá-la. Isso deu segurança para que os dois vivam o seu amor e a sexualidade sem riscos de serem descobertos.

Não existe ponte que separa a sexualidade. O que na verdade separa a menina de viver a sexualidade é o encontro de um grande amor. Mas em um dia de sol, onde tudo estava colorido, as plantas crescendo e as árvores frutificando, seu amor apareceu. Para ela a sexualidade não é nenhum monstro, mas algo que precisa ser vivido as escondidas, pois ainda é jovem e sua família nunca aceitaria. Mas a menina é corajosa e irá enfrentar todo preconceito e repressão para viver seu amor.

A ponte que leva o casal para sexualidade é segura. O desejo e amor do casal são fortes demais para esperar. Eles se encontram escondidos para viver a sexualidade. Conversam e procuram esclarecer as dúvidas para viver a sexualidade plenamente. Também fazem planos, irão casar logo em breve. Estão cansados de fingir e disfarçar, mas não são apenas eles que disfarçam, a comunidade toda sabe a verdade, mas fecha os olhos para não ter que abrir o diálogo.

4.1.2 – Análise classificatória

Essa forma de análise levanta as palavras-chaves nos diálogos do GP. Levantamos aqui quatro eixos fundamentais: a descrição da ponte, os obstáculos encontrados, as ajudas e o lugar da sexualidade. Apontamos para os quatro eixos a partir de um levantamento de palavras-chaves contidas nas produções, que os/as leitores/as perceberão através das leituras.

O quadro abaixo apresenta a união dos seguintes aspectos: as falas (dados) produzidas pelo GP, a análise classificatória em si e os meus comentários. A apresentação se dá desta forma para facilitar a visualização do/a leitor/a sobre toda as reflexões realizadas:

4.1.3 – Análise transversal

Para Moraes a análise transversal se trata de um:

(...) momento da aproximação dos dados, do diálogo entre eles; é um momento de relação transversal entre os dados; há aí uma espécie de mergulho de um dado em relação ao espaço ocupado por outro dado; um forte entrelaçamento, como a sensação de penetrar na matéria que compõe a água, a terra, o ar ou o fogo. É um momento de fluidez capaz de acionar mecanismos de ligação (MORAES, 2002:54).

Neste momento, realizamos a análise dos achados da viagem pela ponte do imaginário interligando os elementos encontrados na análise classificatória.

⇒ A sexualidade é uma representação natural no processo de vida, que não se tem a certeza de quando será vivenciado, mas que poderá acontecer a qualquer momento. Existe medo e desejo em atravessar, no entanto não se sabe o momento correto. Existem as concepções do certo e do errado; colocando o amor como pressuposto para a sexualidade. Se for com amor a sexualidade pode ser vivida, senão, é melhor ficar esperando o surgimento do/a príncipe/princesa encantado/a.

⇒ A sexualidade não é uma busca, mas é algo que vem acontecer de forma natural. O medo faz parte do processo de amadurecimento. Quando existe algum ou alguém de apoio para conversar sobre a sexualidade o processo flui de forma natural, quando não existe, o encontro com a sexualidade toma um percurso mais difícil.

⇒ O desejo de crescer e/ou tornar-se homem/mulher faz parte de um processo inevitável, mas que pode ser burlado em alguns momentos. Esses momentos que fluem como processo e podem tornar-se dolorosos ou alegres, e, o encontro com o “tesouro/amor” é a recompensa dos silêncios e momentos de solidão.

⇒ O amor também é um obstáculo, a incerteza de ser amado/a e correspondido/a traz sofrimento. E essa dor tem ao mesmo tempo um sabor de proibido. Não que se deseje o proibido, mas que ao tentar ser feliz encontram-se embates de idéias, pois nem sempre o que é bom para si é bom para os olhos que os/as cercam.

⇒ Aqui está um dos grandes obstáculos para viver a sexualidade: as línguas “venenosas” da comunidade. Não que a sociedade não permita a

vivência e o autoconhecimento da sexualidade, mas porque ela traz conceitos fechados, que foram sendo transmitidos de geração em geração e nem sempre está pronta para tanta abertura para se viver além do instituído. Concomitante a esta “mente não aberta” para entender a sexualidade e os desejos circula visivelmente um pacto do silêncio.

⇒ Ao mesmo tempo em que se finge não saber das descobertas e mudanças nos jovens, a sociedade mascara a sua sexualidade. Fica mais fácil para todos/as disfarçar que a sexualidade ronda pela comunidade. Para a comunidade do assentamento é uma opção que vem sendo reproduzida desde seus antepassados, e não diferentes os jovens tomam para si também esse pacto de silêncio.

⇒ A sexualidade não é um “bicho papão” nem algo “feio”, é o encontro de sentimentos bons e um momento de vida para se curtir só se for com o/a parceiro/a. Um outro obstáculo observável são as DST's. Essas são encaradas enquanto barreira para viver a sexualidade porque não existem atividades/trabalhos no espaço do assentamento e da escola que discutam sobre prevenção e saúde. A falta de diálogo provoca um nível de desinformação que assusta àqueles/as que tentam viver a sexualidade com seu/sua parceiro/a.

⇒ Mesmo entendendo-a enquanto processo de amadurecimento, a sexualidade é encarada enquanto prática sexual. Essa sexualidade é vivida em casal, sendo aceitas relações heterossexuais, sem haver espaço para dialogar a possibilidade de relações homossexuais. Essa é uma possibilidade silenciada, proibida e recriminada pela comunidade.

⇒ O debate da sexualidade – em um contexto geral – não gera completo desconforto aos jovens, mas incomoda a comunidade. E daí o pacto do silêncio é acionado mais uma vez. A sexualidade é sem conflitos expostos, tranqüila e pura; ao mesmo tempo em que conflituosa com as regras sociais e o confronto entre as regras sociais e as descoberta dos desejos e fantasias.

4.2 – A vivência dos lugares geomíticos

Jacques Gauthier criou esta técnica em 1994²², inspirando-se nas culturas dos/as nativos/as da região do Pacífico. O objetivo consiste em associar o tema gerador aos 16 lugares geomíticos de acordo com as seguintes frases:

Qual é a terra onde crescem minhas raízes; o poço onde o meu pensamento pode cair; a ponte que me permite sair das dificuldades; a falha entre mim e o instituído; os fluxos que invadem a instituição; o cume de onde eu vejo a paisagem toda; o túnel onde existem as relações secretas; o labirinto em que posso me perder; o limiar em que ficar; a gruta de onde observo o mundo; o caminho para onde passear; a estrada para onde fugir; a galáxia onde morar; o rio onde nadar; o trilho onde escorregar; o arco-íris no qual estou (COSTA, 2002:62).

As frases possibilitam diversas formas de trabalho, caberá ao facilitador optar pelos instrumentais que irão contribuir para provocar as produções. Durante o amadurecimento e escolha refletimos

(...) tivemos dificuldade em pensar quais os objetos que mais cairiam bem na pesquisa, discutimos durante cerca de 30 minutos para entrar em um acordo. Utilizamos alguns critérios que nos parecessem pertinentes: em primeiro lugar, havia a necessidade de causar estranheza sem ser distante da realidade dos/as jovens. Este foi o ponto principal, mas pesamos também a necessidade de associar frases diferentes que causassem momentos de imaginação distintos (...)

A técnica da vivência dos lugares geomíticos se deu em dois momentos distintos. Objetivando facilitar a compreensão opto por apresentá-la no todo, deixando claro que o Shavasan²³ foi utilizado em ambos momentos.

No primeiro dia marcado encontramos dificuldade em reunir o GP pois naquele momento a grande maioria do grupo estava envolvido em diversas atividades (igreja e produção no roçado). Mas a presença do coordenador do GJ, Maciel, facilitou a rearticulação do GP, que rapidamente conseguiu unir todos/as para o início do encontro.

Resolvido o imprevisto, demos princípio à oficina. Esta foi iniciada com movimentos de yoga denominado Shavasan. A posição tem como objetivo o

²² Período em que Jacques Gauthier realizou sua pesquisa para doutoramento. Culminando em seu trabalho intitulado de *Innovations et contradictions de l'éducation populaire*.

²³ Shavasan é uma técnica de yoga que contribui para o relaxamento e controle da respiração.

relaxamento do corpo e da mente, além de combater a insônia e problemas no sistema nervoso. Sendo orientada da seguinte forma:

Deitados/as de costa no chão coloquem a palma das mãos voltadas para cima, com olhos fechados, respiração calma, instintiva e tranqüila pelas narinas e com a mente vazia de pensamentos.

Durante o relaxamento sugerimos uma passagem imaginária pelos elementos escolhidos, seguindo um roteiro que objetivou facilitar o passeio pelos elementos:

Se a sexualidade fosse um poço como seria? E nesse poço caem os seus pensamentos, quais são? E se a sexualidade fosse um túnel, como seria este túnel? Nesse túnel existem relações secretas, quais são? O que há de secreto nesse túnel? Se a sexualidade fosse um vento, qual seria sua forma? O que o vento leva? Ele traz algo? O que? E a montanha...o que você do alto? O que há/existe nela? O que cerca a montanha? Até onde você vê?

O resultado do relaxamento foi positivo, em ambos momentos, sendo que no primeiro tivemos um dos participantes que entrou em sono profundo, o qual acordamos com devida cautela.

(...) de certa forma o sono profundo o qual um dos participantes caiu nos preocupou, mas por sorte estávamos sempre imaginando a possibilidade de algo acontecer, pois nem sempre mexer com o imaginário é tarefa fácil. Mas saímos bem, conseguimos acorda-lo depois de certo tempo e não houve nada demais (aparentemente) (...) acredito que o fato de ambas sermos assistentes sociais e trabalhar sempre com oficinas facilitou nosso trato com esse momento, realmente percebi o cuidado ético que é necessário em qualquer atividade desenvolvida.

Após o primeiro momento sugerimos que as produções se dessem de forma plástica, sendo que apenas tomaram suas direções depois de acordarmos um participante.

iferente das primeiras produções não foi solicitado algo escrito, o resultado do não pedido refletiu no debate coletivo. As exposições foram acanhadas,

sendo necessário a realização de um processo de entrevista entre os/as CP, onde cada um/a entrevistou um/a colega.

Nesse momento as produções ficaram mais claras, sendo esse o resultado das produções plásticas e os comentários de cada CP:

MONTANHA

Poço

FALAS DO/A CO-PESQUISADOR/A

O meu poço é quadrado, achei estranho, mas é assim que eu vi. No fundo dele tem meus pensamentos que não sei por que tive medo de falar e ir até o fundo.

Eu vi eu vivendo a sexualidade. Mas era de um jeito sem medo, com amor e com uma mulher que eu amava.

Esse desenho fala sobre a montanha que é uma sobrevivência e que nós temos que cuidar dela. De lá dá para ver as plantas e os animais.

O vento é aquele ar que queremos para refrescar dentro do corpo da gente. Leva as coisas ruins e volta com elas transformada em coisas boas.

Eu concordo com Maciel, o medo não pode mexer tão forte assim com a gente não. Mas no meu poço tem a vontade de viver a sexualidade sem medo, com amor e sentimento sincero.

Mas no meu túnel é a relação com a família e com a sociedade.

Meu poço é redondo com água azul e limpa, dentro dele tem o amor, só o amor.

Meu túnel tem flores e somente tem o medo de secreto. O medo de fazer as perguntas né? Eu sei não...medo de falar nisso.

A montanha tem uma paisagem bem leve. Nos meus desenhos a sexualidade está como uma paisagem com muitos peixes, árvores, sol, etc.

No segundo desenho o vento traz amor e paz e leva ódio e violência. O

vento é bem leve.

No meu poço tem os pensamentos de viver uma sexualidade com segurança e com amor.

Bom, no meu túnel tem relações que não posso falar. Se as relações são secretas não posso falar, né?!

Sexualidade é as mudanças de nosso corpo ou da nossa vida que muda a cada dia que passa, a convivência com outras pessoas e com a natureza. Então a sexualidade é como um vento que vem e volta com mais força. Mudança do nosso corpo quando nós estamos chegando à adolescência e vimos ele mudar. Mudança da nossa vida, cada dia que a vida passa as coisas mudam de forma tão alta que parece uma montanha sem altura.

Meu poço é redondo, azul e dentro são as perguntas. Ele tá cheio de flores ao redor. Somente isso, os pensamentos que caíram foi do amor, do carinho, da amizade, várias coisas.

Meu túnel ele é laranjada, dentro dele tem o medo, eu achei laranja uma cor bonita. O que tem de secreto são os pensamentos que a gente tem.

Se a sexualidade fosse um vento seria suave, amoroso e azul. Se fosse uma montanha seria florida, marrom e muito bonita.

O meu poço é redondo e todo azul. No fundo é como o das meninas, tem várias coisas, como exemplo o amor, a amizade e o medo.

Meu túnel é perigo, é a doença sexualmente transmissível. Na outra parte tem as dúvidas e o medo, e principalmente a falta de compreensão.

A minha montanha é bem alta com árvores embaixo, bem verdes. A montanha da sexualidade é tão alta que dá pra ver todas as paisagens bonitas.

Se a sexualidade fosse um vento seria um pouco forte, pra levar todas as angústias e tristezas, pra trazer alegria, amor e afeto. Se a sexualidade fosse um vento tiraria das árvores as folhas secas para nascerem outras.

Ai ai, meu poço, meu poço é redondo, tudo azul. No fundo tem várias coisas: o amor, a paixão, a amizade, o medo.

Meu túnel é uma parte que é a parte do perigo, que são as DSTs. Na outra parte são as dúvidas e o medo. Do outro lado do túnel é uma nova vida dentro da sexualidade que já foi iniciada.

Falando sobre o desenho eu desenhei uma montanha com sol, nuvem, árvores. Foi o que eu sonhei. No outro sonho o vento ia levando folha de pé de árvores, tristezas, ódio, angústia e trouxe felicidade, alegria, amor, ternura e respeito.

A montanha representa o comportamento e a vida. A sexualidade e o amor.

O meu poço é diferente todo colorido e os pensamentos que caem nele é o de desejo e prazer.

Agora é o mais difícil, o túnel que eu passei, o meu túnel é escuro. E de secreto era a vida né?!

O meu primeiro desenho foi a montanha que representa uma vida completamente amorosa, onde a sexualidade é vivida com muito amor e carinho na montanha que tem árvores, frutos, céu, sol, casas.

No meu segundo desenho eu fiz o vento e o homem dentro da ventania que sozinho tinha doenças, maldade e tristeza. Quando o vento bateu nele o vento trouxe a cura para o homem, trouxe amor, carinho, afeto. O vento representa o amor e a sexualidade.

Não sei falar não, tá eu vou tentar. No meu poço tem os meus pensamentos que tem que ficar escondidos.

O túnel é como as meninas falaram, é a DST. É a falta de estudo de conhecimento pra o jovem. Do outro lado tem a vontade de ser feliz.

A montanha de lá de cima dá pra ver a própria montanha coberta de árvores e com outras coisas que não sei o que é.

O vento é muito forte e traz carinho, amor e beleza.

Meu poço é marrom redondo e tem grama ao redor, dentro dele tem os pensamentos na sexualidade e amor. Eu sei não, dentro dele tem é tesão e amor.

E agora o túnel, ele é escuro, o segredo dele é, tem de secreto o medo de fazer as perguntas.

Na sexualidade temos o medo de encarar a vida, a realidade que a vida nos traz para podemos seguir em frente para vencer na vida.

Meu poço é o medo de perguntar, é o medo de falar. Os pensamentos são de curiosidade e vontade de saber das coisas.

Eu não tenho nem idéia do que tem do outro lado. Acho que é a alegria né? É ser feliz com a esposa.

O meu poço ele é quadrado, quadrado não, é quadrado. Os pensamentos que caem são aqueles de viver a sexualidade.

O túnel ele é verde e é escuro nele. O que acontece de secreto? Eu acho que a gente tem muitas perguntas na cabeça e ele é como se fosse nosso pensamento.

O vento é como a brisa que bate em nosso rosto, passando e levando todas as coisas ruins que acontecem em nossa vida e só trazendo coisas boas, como o amor, carinho, respeito e tudo de bom.

A montanha é alta, bonita e com várias árvores ao seu redor, com um lindo mar azul. Dá pra ver a felicidade e a paz. Do alto da montanha tem várias coisas boas, as ruins são jogadas lá de cima no mar para que ele traga coisas maravilhosas.

Para finalizar o processo de produção passamos uma sanfona de papel, onde cada um/uma expressou seu sentimento sobre nossas experiências enquanto grupo. Segue aqui alguns dos escritos dos/as jovens:

Compreensão de nossos problemas.

Vocês passaram como é bom conversar sobre outras coisas da vida.

Sorria na tristeza/ sorria na alegria/ sorria no amanhecer/ de cada novo dia.

Eu gostei demais, aprendi coisas que não sabia.

Gostei muito, espero que da outra vez seja melhor ainda e eu tenho pura certeza que vai ser melhor.

O nosso sentimento que mais se fez presente foi a tristeza. Em não ser possível dar continuidade ao trabalho iniciado, mesmo tendo consciência de que os momentos finais da pesquisa estavam mais próximos.

4.2.1 – Análise classificatória

Essa forma de análise levanta as palavras-chaves nos diálogos do GP, sendo que para cada elemento existem categorias diferenciadas que unidas formam os achados da produção.

Para se chegar nas classificações partimos do levantamento de palavras-chaves contidas em cada lugar. A preocupação se deu com as idéias de uma forma coletiva, a partir delas refletimos e criamos categorias referentes a cada lugar, buscando caracterizá-los.

Logo abaixo seguem as idéias contidas nas produções, de acordo com nossa categorização:

POÇO	TÚNEL	MONTANHA	VENTO
Forma do poço: quadrado, redondo, diferente, colorido, marrom, com grama ao redor, cheio de flores, todo azul, com água limpa e azul.	Aspectos do túnel: de cor laranja, escuro, com flores, com cor bonita.	Visão do alto: dá para ver a própria montanha, paz, plantas, animais, peixes, frutos, céu, casas, alta, coisas que não se sabe o que é, árvore, felicidade, sol, nuvens, dá para ver as paisagens bonitas, paisagem bem	O que o vento traz: coisas boas transformadas, amor, paz, alegria, afeto, ternura, respeito, felicidade, carinho, cura, volta com mais força, mudança na vida e beleza.

		leve.	
<p>Pensamentos que caem no poço: tem medo de falar, tem medo de ir ao fundo, sexualidade com amor e segurança, perguntas, carinho, amizade, várias coisas, medo, paixão, desejo, prazer, tem que ficar escondido, sexualidade, tesão, curiosidade, vontade de saber das coisas, medo de falar e perguntar, viver a sexualidade.</p>	<p>Relações e sentimentos secretos no túnel: medo do secreto, de perguntar, amor, de falar em sexualidade, não pode falar o que há, são os pensamentos que se têm, perigo, falta de compreensão, DST's, relação com a família e a sociedade, falta de compreensão, vida, perguntas, dúvidas, perguntas na cabeça.</p>	<p>Relação com a sexualidade: leve como a paisagem com muitos peixes, árvores, sol, etc. Mudanças do corpo e da vida que muda a cada dia, paisagens bonitas, sonho, sexualidade vivida com muito amor e carinho.</p>	<p>O que o vento leva: ele é forte e leva coisas ruins, ódio, violência, angústias, tristezas, folhas de pé de árvores, maldade.</p>
<p>Sentimentos presentes no poço: estranho, amor, sexualidade sem medo, sentimento</p>	<p>Aspecto da saída: não tem idéia do que há do outro lado, vontade de ser feliz com companheiro/a, alegria, nova vida iniciada na</p>		<p>Relação com a sexualidade: refresca o corpo, leva as coisas ruins e traz transformadas, leve, algo suave,</p>

sincero.

sexualidade, vontade
de ser feliz.

amoroso, forte,
tira das árvores
as folhas secas
para nascer
novas, perigo das
DST's, amor,
medo de encarar
a vida, mudanças
no corpo e na
vida.

4.2.2 – Análise transversal

No desenvolvimento da análise dos dados percebemos a intercessão entre alguns elementos: a montanha e o vento e por fim o poço e o túnel. A ligação dos elementos foi percebida a partir de outras dimensões no dialogo dos/as CP, que são: a natureza, o amor, a paz e o medo. Então, nesse momento realizo a análise dos achados:

- MONTANHA E VENTO

- Natureza

- A natureza está presente nos dois elementos, ora como algo bom de se ver e viver, ora como algo transformado.

- Na montanha podemos observar a relação direta com a natureza, e entendendo o processo de descoberta da sexualidade como algo natural, que é necessário a autodescoberta e espontâneo do/a jovem.

- As mudanças e transformações naturais do corpo no ser ajudam no caminhar ao encontro da sexualidade.

- Ao vivenciar a sexualidade o/a jovem se completa, pois quando descobre o/a outro/a encontra também sentimentos semelhantes (amor, carinho, mudanças do corpo, etc).

- Paz

- A montanha transmite paz e isso deixa os/as jovens tranquilos para viver a sexualidade.
- O vento traz a paz e deixam os/as jovens mais livres para conhecer seu/sua parceiro/a e experimentar a sexualidade.
- A paz é o encontro consigo, é o ato de autoconhecer.

• POÇO E TÚNEL

- Medo

- Em ambos, no túnel e no poço, o medo está relacionado à incerteza/dúvidas.
- A relação do medo com a sexualidade do/a jovem se dá no ato de esconder os desejos, jogá-los no poço (carinho, amizade, tesão, etc) para que a sociedade não saiba do momento que o/a jovem vive.
- O medo no túnel vem expor os riscos que o/a jovem corre em demonstrar sua vontade em vivenciar a sexualidade.
- O poço pode ser um túnel que causa medo, o medo se dá pela falta de informações e diálogo.
- O crescimento do medo irá depender da relação dos/as jovens com a família e os colegas.
- No túnel, o medo apresenta-se como o caminho a ser percorrido para o encontro da sexualidade, sendo que esse percurso é seguido em segredo.

- Amor

- A presença do amor no túnel está como suporte e força para o encontro do/a parceiro/a ideal para experimentar a sexualidade.
- A descoberta do amor está ligada diretamente ao autoconhecimento.

□ A busca do amor presente no poço traz o desejo de conhecer e viver a sexualidade com um/a companheiro/a.

O túnel/sexualidade apresenta as relações ora como algo a ser vivido de forma natural, tranqüila; ora enquanto um sentimento a ser vivenciado, mas não permitido pela sociedade antes da união/casamento do casal. Ou seja, no mundo do/a jovem a sexualidade possui características boas e positivas que ao mesmo tempo causam medo de viver.

Existem várias formas de vivenciar a sexualidade ao mesmo tempo em que há limitações. A busca direta não é pelo autoconhecimento, ele é o reflexo do encontro de um/a companheiro/a. O sentido da sexualidade é encontrado ao se conhecer alguém para dividir o momento de descoberta com o/a outro/a.

Sentimentos como o amor, o carinho e o tesão refletem na confiança e segurança em viver a sexualidade com o/a companheiro/a, o que possibilita uma maior tranqüilidade para conhecer e viver a sexualidade a dois.

O medo cerca a sexualidade. Não permite conversas, perguntas e comentários. São obstáculos, junto à desinformação e despreparo da sociedade contribuem na construção de uma sexualidade velada, como uma caixa que guarda segredos vividos, porém escondidos.

Existe um diálogo velado, onde é permitido falar sobre namorados/as, interesses e paqueras. Por outro lado, as transformações naturais do corpo permanecem escondidas e silenciadas, além das mudanças individuais e os desejos.

Para os/as jovens a sexualidade é algo leve, tranqüilo de se viver, onde o objetivo é o encontro da felicidade. É o amor que transforma o medo em segurança.

4.3 – A Contra-análise

A proposta de realizar uma contra-análise muito me instigou. Para mim é um dos diferenciais da proposta sociopoeta. Para o GP sempre esteve claro que as

produções feitas por ele iriam retornar analisadas e que seriam necessárias contribuições para a finalização da pesquisa.

O novo contato com o assentamento demorou cerca de dois meses, mas o tempo até o momento não representou dificuldade na integração do grupo. Acho que um fator importante na pesquisa foi a proximidade e união do grupo, pois antes mesmo da pesquisa já se constituíam grupo organizado do assentamento.

Mais uma vez embarquei de Fortaleza para Recife a fim de dar início à contra-análise. Esse é o momento em que os/as co-pesquisadores/as opinam diante das reflexões.

A sociopoética sugere que se utilize uma linguagem acessível para o público, o que concordo, mas vem abaixo minha reflexão no diário de campo sobre esse momento:

(...) nem sempre o que parece criativo consegue atingir o que se deseja. Trata-se de um processo minucioso que se deve tomar os cuidados necessários para o entendimento completo da mensagem que precisa ser passada. É sempre mais difícil se fazer algo diferente.

O encontro foi marcado e teve a ausência de apenas 2 pessoas que foram à cidade resolver problemas pessoais. Iniciamos as atividades conversando e fazendo uma retrospectiva do processo de pesquisa, desde o primeiro encontro até a contra-análise²⁴. O encontro estava previsto para duração de apenas um turno, já que o MST estava com as atenções voltadas para os despejos que alguns acampamentos estavam sofrendo.

A proposta inicial foi trabalhar no grande grupo as análises plásticas, logo após formar grupos para responder algumas reflexões e por fim uma análise de toda pesquisa. O grupo propôs trabalhar desde o início em 2 grupos de 5 pessoas, tendo como intenção agilizar e facilitar o debate. Não vi grandes obstáculos e a proposta foi absorvida.

²⁴ Neste encontro fomos eu e Tércio, amigo de militância no movimento estudantil, que faz parte do coletivo socialista de PE e tem buscado ampliar os espaços de inserção do grupo do qual faz parte.

Sendo assim, realizamos um relaxamento. Logo depois fizemos a leitura do texto criado no momento da análise plástica. Os desenhos ficaram expostos para que cada um opinasse sobre o que havia no texto e nas produções. Apesar de todos(as) passearem ao redor dos desenhos o silêncio foi completo. Tentei resgatar e incentivar a fala, mas não obtive êxito.

Acredito que o cansaço do grupo dificultou um pouco a exposição, pois anterior ao encontro houve uma atividade de manutenção da pracinha,. Foi proposto por um dos membros do GP que fosse dada continuidade e sendo assim prosseguimos.

Expus as questões que foram sugeridas para contra-análise e mais uma vez fortaleci que seria importante que o GP conseguisse ter uma visão do todo e não só individual. Frisei ainda que seria importante confirmar, ou não, nossas hipóteses.

Para a contra-análise optamos por trabalhar com a escrita e exposição de cada CP. As perguntas foram formuladas a partir das questões que mais ficaram explícitas nas produções. Optamos por unir a análise e realizar uma oficina para contra-análise. Dividimos o grande grupo em dois e cada equipe respondeu por escrito um conjunto de indagações e por fim unimos todos/as para socializar as colocações apresentadas pelos/as CP.

Todos/as CP contribuíram de forma escrita e alguns expuseram suas opiniões²⁵. Também participei instigando o debate através de perguntas. Seguem logo abaixo as questões apresentadas por mim e as respondidas pelo GP:

Existe espaço/lugar que o homem e a mulher podem discutir sobre sexualidade? Quais são?

– No colégio, em casa, ou procurando um ginecologista, ou alguém em quem confie e não tenha vergonha de conversar.

²⁵ Não apresento os nomes dos/as CP, mas as falas que estão em cor diferenciada se trata de outra pessoa contribuindo.

O medo de conhecer a sexualidade para a mulher e para o homem é igual ou diferente? Por que?

– Não. Os homens têm mais liberdade de conversar, de fazer as coisas e eles enfrentam as coisas sem medo.

A mulher e o homem encontram com quem conversar sobre sexualidade?

– Sim, às vezes. A mãe pode ser uma pessoa de confiança, depende de como é tratado em casa. As professoras também são de confiança, elas conversam com a gente sobre sexo, sobre as doenças e as vezes a gente faz umas perguntas para ela. Os colegas quando são de confiança a gente também fala algumas coisas.

– Em rodas de amigos e muitas vezes com outras meninas, mas nem todos os meninos têm condições de conversar com seus próprios amigos.

– Quando a gente tá em rodinha de amigos. E muitas vezes a gente encontra umas meninas que são capazes de conversar com a gente. Aqui mesmo quando a gente senta com Maria para falar sobre isso. Maria e Solange são meninas que tem capacidade e a gente conversa muito disso. Eu converso com a minha mãe, com meu pai é mais difícil. A professora de inglês também. Não durante a aula, mas ela passa uns trabalhos e a gente conversa com ela. As mulheres ainda conversam com o ginecologista da cidade, mas não são todas não, só aquelas que têm mais cabeça, e a família também, ou aquela que tá vivendo a sexualidade.

A mulher e o homem conhecem a sexualidade da mesma forma? Explique o por que

– Não. Os homens pensam de um jeito e as mulheres de outro. Eu acho que o homem é mais aprofundado nisso aí (sexualidade). mas muitas vezes ele é aprofundado, mas não tem aquela experiência, e as mulheres têm medo ou é vergonha de iniciar a sexualidade como a gente. Não praticando, mas até na conversa a gente vai conhecer mais sobre a sexualidade, e as mulheres não fazem isso.

– Eu acho que o homem e a mulher têm diferença em conhecer a sexualidade.

Existem formas de repressão da sexualidade? Quais são? São iguais/diferentes para o homem e para mulher?

– *Sim. Para o homem é bem mais fácil falar de sexualidade do que para a mulher. Para mulher conversar com seus pais e até mesmo na escola é mais difícil. Não aceitam tanto, se fosse o homem não tinha problema em falar e pensar em sexualidade.*

– *Na verdade sentimos falta da orientação escolar e precisamos conversar sobre a sexualidade para acabar com essa repressão.*

Os obstáculos que existem para chegar à sexualidade são os mesmos, ou não, para o homem e para mulher?

– *São diferentes. Para o homem são mais fáceis por que a partir do momento em que a sociedade sabe que o rapaz praticou o ato do sexo ele não vai ser visto como a mulher iria ser. Ela vai ser olhada por seus amigos e por todos totalmente diferente do que antes ela era. Por isso para o homem é mais fácil, por exemplo: se ele receber uma proposta agora ele iria aceitar e a mulher iria pensar primeiro nos obstáculos. É por isso que para os homens é melhor.*

– *Os obstáculos para a mulher elas vão sofrer primeiramente, porque quando ela era simplesmente uma jovem e na medida que ela praticou o sexo, ela passa a não ser mais vista por muita gente como era antes. A pessoa vai ter que estar preparada para isso. Outro obstáculo é a reação dos pais, principalmente para as mulheres. Os pais vão ter uma reação difícil e grande quando descobre alguma coisa, e para isso ela também vai ter que estar preparada para vencer esse obstáculo. Já para o homem é mais fácil, dificilmente um pai vai colocar obstáculo na vida do filho se ele descobrir que ele praticou a sexualidade. Tem diferença nos obstáculos, para o homem é mais fácil, e para a mulher é completamente difícil. Principalmente porque vai ser mal vista se ela não casou, ela não vai ser respeitada pela comunidade. Aqui tem casos assim. Quando a menina casa com o rapaz que praticou o sexo é uma beleza, mas só se for com aquela mesma pessoa. Mas se praticou e não convive com aquela pessoa, ela vai ficar mal vista. Vão dizer que é aquela mulher que não tem classe, que não casou que só fez conhecer o homem e tal. Por isso a mulher tem que estar bem preparada para fazer isso. Os homens também têm que saber como se desviar dos obstáculos.*

A sexualidade é vivenciada da mesma forma ou diferente pelo homem e pela mulher?

– *Sim. Mas a mulher tem mais medo do que virá após a relação sexual, porque tem medo da reação de seus pais e até mesmo porque não vai ser mais vista na sociedade como antes.*

– *E o homem não tem esse medo de vivê-la, porque não vai afetá-lo, nem a convivência com a sociedade. Ele vai continuar a ser visto da mesma forma. Os dois vivem a sexualidade, mas é mais fácil para o homem.*

Por que o poço da sexualidade é redondo?

– *Cada um tem sua forma de ver a sexualidade, e isso deixa com que cada um escolha seu caminho no mundo.*

Por que o túnel da sexualidade tem flores?

– *Descobrir a sexualidade é maravilhoso e cheio de surpresas como as flores, você não sabe o que esperar dela, o cheiro, a cor e outras coisas. Então é assim a gente não sabe o que esperar da sexualidade como das flores e da natureza.*

Que vento é esse que o vento da sexualidade vem trazendo?

– *É a paz. As respostas para nossas perguntas. É preciso ter paz para viver a sexualidade, e ela é assim sem violência.*

Que respeito é esse que o vento da sexualidade traz?

– *É aceitar que o corpo tá mudando, é difícil para nós sem ter com quem conversar. É também aceitar que as coisas vão acontecendo e a gente vai viver a qualquer hora.*

Que violência é essa que o vento leva?

– *Nós achamos que é o medo de descobrir o corpo, e a falta de compreensão das pessoas de entender que a gente tá crescendo e vão ter coisas que vão acontecer. É difícil para o jovem descobrir o corpo sem ter apoio de ninguém, tem muita gente que tem vergonha.*

Que maldade é essa que o vento leva?

– *É a maldade das pessoas que não aceitam falar sobre sexualidade. na relação não tem maldade não, quando o homem e a mulher se amam não tem nem violência e nem maldade. É uma convivência boa.*

Por que o vento da sexualidade tira e leva as flores?

– O vento leva os preconceitos, leva também essa coisa de não aceitar as mudanças no corpo e na pessoa. E no fim traz isso transformado em respeito e paz.

Por que o poço da sexualidade é quadrado?

– Porque nas muitas vezes o ato da sexualidade é entre quatro paredes, em forma de um quadrado. Mas na maioria das vezes os praticantes do ato sexual não entendem a forma de estar fazendo, com quem está fazendo. E simplesmente quando a gente não sabe o que está fazendo e com quem, esse mesmo quadrado pode ser sua última morada, que seria a própria cova, levada à morte. É por isso que o poço da sexualidade também pode ser quadrado.

Por que o túnel da sexualidade é escuro?

– Antes de sabermos o que é sexualidade nós passamos por muitos obstáculos, por muitas dificuldades. Enfrentamos muitas mudanças. Por isso o túnel é escuro, é assim, nós temos que percorrer um longo caminho para chegar na parte clara e descobrir a sexualidade. A gente tem que ficar preparado para reação de nossos pais e familiares. Muitas vezes fazemos as coisas sem pensar e aí temos que percorrer esse caminho escuro, que fica maior porque não pensamos bem, para chegar do lado claro.

– Antes de passar pelo túnel a gente não tinha se descoberto. E passando pelo túnel nós vamos passando por obstáculos, por isso o túnel é escuro. Passamos por coisas novas e fomos aprendendo para quando chegar no final encontrar as respostas e a sexualidade, onde está a claridade. Depois do túnel a gente se conheceu e conheceu a pessoa que a gente ama.

Que cura é essa que o vento da sexualidade vem trazendo?

– É a felicidade de ter consciência do que se está praticando, que é o ato da sexualidade. E também que tem que ser feito como um vento, leve, solto e respirante para amanhã, é um amor que não nos enforque. É por isso que o vento traz a felicidade e leva para longe as maldades que nos torna mais feliz.

Que “coisas ruins” é essa que o vento da sexualidade leva?

– São aquelas coisas que a gente pensa em não ter. Como se a gente por azar praticasse com um parceiro nada conveniente e ele nos transmitisse só maldade e coisas ruins. É essas coisas que o vento leva, é a falta de respeito também, pois na família tem que se ter respeito e não pode ter violência em casa.

Que ódio é esse que o vento leva?

– O ódio da dor, do desprazer e de não ter feito com quem a gente ama, com a pessoa certa. Isso nos deixa mal, cria dor e angústia. A sexualidade tem que ser vivida pelo casal que se ama.

Por que o vento da sexualidade tira e leva as flores?

– O vento leva os preconceitos, leva também essa coisa de não aceitar as mudanças no corpo e na pessoa. E no fim traz isso transformado em respeito e paz.

– É como a sexualidade vivida pela mulher. É como uma árvore que tem de ser regada com muito carinho para que quando essa folha cair, que é a virgindade, o vento leve e se tenha certeza que foi com amor e com a pessoa certa.

E no momento de “despedida” realizamos uma avaliação de todo o processo. Foi a tentativa de perceber os *erros* e *acertos* e de que forma ficou na memória todo nosso processo de pesquisa. Primeiramente foram elaboradas algumas perguntas para que o grupo respondesse individualmente e posteriormente realizamos uma “rodada” onde cada um/a expôs seus sentimentos:

1. O que você achou de nossos encontros?

– Eu achei muito bom porque todos participaram.

– Ótimo porque aprendi muitas coisas novas que eu não sabia.

– Eu achei maravilhoso, cada vez mais a gente tinha mais vontade de vir e aprender mais sobre sexualidade.

– Foi muito importante porque deu coragem para falar mais sobre a sexualidade.

- *É bom que aconteça mais encontros. Eu gostei de participar, era de um jeito diferente que a gente foi aprendendo.*
- *Foi tudo ótimo, eu aprendi muita coisa.*
- *Eu achei bom porque aprendi coisas que eu não sabia.*
- *Fiquei sabendo de mais coisas sobre a sexualidade.*

2. O que você aprendeu nos encontros?

- *Aprendi muitas coisas.*
- *Mudou minha convivência dentro de casa, comecei a conversar mais com meus pais.*
- *Mudou a convivência com os outros, antes eu não me conhecia, nem tinha diálogo e não conversava com ninguém. Agora é mais diferente.*
- *Eu mudei em muitos aspectos. Eu aprendi mais coisas que eu não sabia, nem conhecia. Foi bom porque teve informação para os jovens.*
- *Eu comecei a participar mais do grupo de jovem e dos encontros.*
- *Mudei na convivência com os amigos.*
- *Eu mudei porque agora eu sei de mais coisas do que antes.*
- *Antes eu não sabia tanta coisa como agora eu sei. Eu mudei muito.*

3. Na sua opinião o que faltou em nossos encontros?

- *Mais participação, de mais pessoa do assentamento.*
- *Faltou mais participação dos jovens, foi tudo ótimo aprendi muito.*
- *Participação dos jovens e mais vontade deles aprenderem.*
- *Faltou mais participação nossa mesmo. E faltou ter mais reunião para a gente aprender mais com a professora Danielly.*
- *Eu acho que faltou mais participação das pessoas que não vieram.*
- *Faltou mais participação dos meninos do assentamento.*
- *A participação de outros rapazes e ficou pouca gente. Mas eu gostei muito das reuniões e espero que tenha mais.*

E por fim, o resultado de nossa conversa:

– A gente deve agradecer a você porque a gente tinha uma dificuldade imensa de principalmente falar sobre esse assunto, e através dessas reuniões e desse assunto a gente descobriu que não tem nenhum defeito. Isso só nos favorece. E a gente tem um respeito maior pelo seu desempenho de vir de uma certa distância, e conversar sobre isso conosco.

– E com você não tem aquela coisa de tem de ser assim, deixa a gente bem a vontade, e vem com o intuito de nos ensinar o que a gente não sabe. E cada vez que você veio e trouxe essas pessoas é bom que a gente conhece outras pessoas de culturas diferentes, deixa a gente mais valorizado também. Esses encontros serviram muito também para reunir o grupo jovem. E com certeza a gente vai lutar para em setembro a gente tá lá em Fortaleza, e passar o que a gente aprendeu aqui para mostrar que Danielly veio e mostrou serviço. E a gente vai mostrar serviço também para retribuir a participação de Danielly com o grupo jovem.

– Muitas vezes a gente conhece as pessoas que vem para comunidade, como por exemplo, a menina da Noruega que a gente se apegou muito e aí depois vai embora. Fica muito difícil. O que a gente acha interessante é que as pessoas que vêm de fora nos apóia, é com que a gente conversa. E muitas vezes aqui não tem nenhum apoio desse que vocês de fora nos passa, por isso que a gente sente muito aquela confiança que vocês nos dá. É assim: nós somos do grupo jovem e a gente tem capacidade para isso, muitas vezes quando a gente quer fazer uma coisa os outros vêm e nos derruba. Aí perde aquela vontade do ser da gente.

– É impressionante isso, vocês virem de fora e dizer que a gente tem capacidade e mostra que a gente tem, depois vocês diz assim: tá vendo que vocês têm condições. E as pessoas que convivem conosco aqui não nos apóia, não vê a gente.

4.3.1 – Alguns comentários sobre a contra-análise

Realmente não foi fácil tratar o tema da sexualidade com esses jovens. Sexualidade essa que está expressa e se manifesta em inúmeras dimensões. Não é possível estabelecer parâmetros sexuais relacionados à forma ou atividades corporais já que a identidade sexual é complexa e o próprio corpo se altera com o tempo. Entendo que essas identidades também são sociais e

políticas e, como Foucault (1993) afirma, *a sexualidade unificada é um ideal burguês*. É perceptível a existência de projetos políticos que com seus discursos reguladores impõem formas de amar, de vestir, de comportamento e de padronização.

Ao colocar meus questionamentos aos jovens percebi uma unanimidade em certos discursos, por exemplo: sobre os espaços de discussão de homens e mulheres sobre a temática da sexualidade. Eles/as afirmaram que debatiam no colégio, em casa, ou procurando um ginecologista, ou alguém em quem confiem e não tenham vergonha de conversar.

Essa é na verdade a realidade de meninas que vivem um processo sexual mais avançado, como por exemplo, a gravidez. O ginecologista é procurado para o acompanhamento da gestação, mas não quando tiveram início as relações sexuais. Os encontros que realizamos foram espaço aberto para o diálogo, e como resultado (de vários processos!) duas jovens ficaram grávidas e houve uma ampliação das conversas sobre a sexualidade.

O fato de relatarem que debatem sobre o assunto no colégio e em casa, também é um aspecto um tanto específico. A conversa em casa é gestada a partir do momento em que existe a possibilidade de construção de uma família, ou seja, quando chega a gravidez.

Pergunto-me então: será que o diálogo em casa poderia ser um instrumento de prevenção? Mas de que forma seria direcionado? E ainda: se a sala de aula e o colégio discutissem a sexualidade sem preconceitos os/as jovens teriam informações sobre as formas de prevenção? Um dia em conversa com um jovem, ele falou-me que só sabia da necessidade da camisinha por causa dos cartazes e comerciais da mídia, ou seja, não existe um esclarecimento sobre o assunto. As formas de prevenção podem até chegar ao jovem do campo, mas o debate fica no geral, não aprofunda e não reflete sobre o “porquê” dessas necessidades de prevenção.

Ao observar as produções percebi que a mulher é desprivilegiada no que se refere à sexualidade. Elas sofrem maior repressão da sociedade. Forçoso é reconhecer que o esforço de produzir a mulher submissa e excluída, cujo padrão ideal acaba conformando, em maior ou menor grau, exige programação

especial na infância. Ao longo da vida, as meninas sofrem com o processo de socialização que as prepara para a desvantagem, com menores expectativas de vivência da sexualidade do que os meninos.

O grupo expôs que a mulher ocupa um espaço delicado na sociedade. Para os homens é fácil ter a liberdade de vivenciar diversas experiências sexuais, enquanto para a mulher é um perigo “invadir” o mundo do sexo livre. A própria família contribui com a repressão da sexualidade da mulher, quando não permite que viva a sexualidade com outras pessoas.

Nos relatos vemos falas como os *homens têm mais liberdade de conversar, de fazer as coisas e eles enfrentam as coisas sem medo*. Enquanto isso, a mulher é vista como algo frágil que não tem coragem de enfrentar a família.

O medo da repressão social aflige mais acentuadamente a mulher do que ao homem. Simone de Beauvoir explica que *quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor a outra sua soberania*. Refletindo sobre suas palavras e a pesquisa, percebo a repressão não é intencional, nem proposital pelos/as jovens. Faz parte de uma construção histórica que prevalece em todos os espaços e mesmo que o MST se proponha a trabalhar os valores, estes desenvolvem despercebidos nas mentes dos/as jovens. E são eles/as levados/as a julgar e reproduzir preconceitos que desprivilegiam a vivência da sexualidade das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. As contribuições da SCP para a pesquisa

Apresento aqui algumas considerações frente ao uso da SCP na pesquisa, além de refletir acerca de suas contribuições para meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Pergunto-me: o que realmente a SCP trouxe de novo para mim? Esta foi verdadeiramente a melhor opção para a realização da pesquisa? Qual o diferencial trazido na forma de pesquisar com a SCP? Reflito frente às questões que a SCP trouxe de contribuições à minha formação.

Penso primeiramente que a exposição dos sentimentos e pensamentos dos/as CP são de extremamente relevância. Venho a refletir que uma pesquisa que não busque os sentidos do/a outro/a frente a uma determinada temática deixa a desejar em alguns aspectos. Sabe-se que os valores também são construídos na relação do homem/mulher com a natureza e essa interferência reflete nas construções de valores e princípios.

Acredito que ao se tratar a temática sem buscar a constante reflexão íntima dos sujeitos, poderíamos correr o risco de não considerar os conceitos construídos a partir das relações sociais.

Mas o que a SCP trouxe de novo para mim? Quais os novos elementos? Percebo que ao ser valorizada a descrição de todo o processo investigativo, o/a leitor/a poderá visualizar/encontrar categorias essenciais que contribuirão para a análise e a compreensão do objeto em estudo.

Ao realçar a importância do prazer no processo de construção do conhecimento, a SCP valoriza o processo de pesquisa como um momento de grande aprendizagem. Em seu desenrolar há o exercício constante do debate, da discussão; onde refletimos coletivamente desde a temática com o GP até a produção dos dados.

E ainda, quando nos propomos a trabalhar de forma artística, percebemos a fomentação de momentos de criatividade e reflexão. É realmente um momento de valorização das elaborações do GP, tendo elas conotação principal nos

momentos da pesquisa. Tal como a banda Titãs declara *você tem fome de que? Você tem sede de que?* o uso da pintura no GP despertou em algumas mentes as possibilidades de produzir conhecimento.

Em diversos momentos escutei declarações sobre a importância da produção artística. Um dos participantes falou-me que desde o primeiro encontro que viu sua produção da ponte passou a utilizar a pintura como válvula de escape. O que pensava não ficou apenas para si, mas passou a desenhar seus sentimentos e mostrar para outras pessoas que poderia conversar sobre o assunto.

Ou seja, esse relato deixa claro a necessidade que os/as jovens possuem em expor e conversar sobre diversos assuntos. A pintura foi a forma encontrada por esse CP em transparecer seus sentimentos.

As possibilidades criadas nessa pesquisa foram de grande importância para meu amadurecimento enquanto pesquisadora, me senti extremamente realizada pelo crescimento do GP e meu. Foi muito enriquecedor para todos/as.

A experiência mostrou-me outro caminho que o ato de pesquisar possibilita, ampliou a minha noção de como fazer pesquisa e também como os sujeitos da investigação se situam neste processo. Sinto que a SCP percebe os/as envolvidos/as na pesquisa numa visualização integral, que valoriza as demais dimensões humanas no processo de elaboração do saber.

2. Refletindo acerca da realidade do debate de gênero no MST

No decorrer do texto percebe-se que o MST propõe uma metodologia para inserir o debate de gênero nos assentamentos e acampamentos. Quando falamos aqui sobre essa tentativa do MST em debater gênero estamos também percebendo diversos aspectos interligados, como: a sexualidade, a divisão sexual do trabalho, as formas de violência contra a mulher, ou seja, a maneira como as desigualdades entre os gêneros vêm sendo construídas socialmente.

Algumas das propostas defendidas pelo MST são acompanhadas por experiências revolucionárias e apoiadas por grupos políticos. A escola é o

maior exemplo, a proposta pedagógica apontada pelo MST ganhou prêmios e realmente faz um diferencial na zona rural. Essa tem como base à formação de educadores/as que fomente nos assentamentos e acampamentos a discussão acerca da realidade do/a trabalhador/a do campo. Na realidade a falta de apoio financeiro não é suficiente para encaminhar tal proposta.

Como é possível tratar sobre as questões de gênero e sexualidade diante da tamanha demanda que os assentamentos e acampamentos enfrentam? É a proposta de coletivos que o MST encontra como estratégia. Mas como esses coletivos trabalham sem recursos humanos e financeiros? Como estou aqui me referindo à realidade da região Nordeste, mas especificamente ao assentamento Pedro e Inácio e à zona da mata norte de PE, percebo que na região o coletivo que mais se destaca é o da educação. Os outros estão parados, sem viabilizar trabalhos substanciais.

Para exemplificar essas dificuldades trago o coletivo de gênero da região, que nada tem feito desde a mudança de liderança. A pessoa responsável ainda está em momento de capacitação e não vem buscando trazer o debate para as outras instâncias de organização local do MST.

Percebo aqui também que é dada maior atenção aos acampamentos, pois a luta pela posse da terra ainda está em processo. Já nos assentamentos, a comunidade se vê muitas vezes esquecida e abandonada, os trabalhos de capacitação que antes haviam após a posse da terra já não acontecem.

O assentamento do MST propõe maior destaque à questão da produção. É certo que essa preocupação deve se dar, mas acredito que a mudança de sociedade proposta pelo MST inclui outros aspectos relevantes, e esses não devem ser colocados em segundo plano.

A abertura para a discussão sobre gênero pressupõe a criação de práticas mais democráticas, desde que se tome como princípio à tentativa de construção de novos valores que permeiem a família. O setor de gênero do MST deveria buscar formar uma estrutura familiar oposta às formas tradicionais, envolvendo não apenas o campo cultural, mas os aspectos no plano político e econômico.

Propostas que envolvem todos os momentos da organização das ocupações não vêm sendo colocadas em prática. Não existem iniciativas no assentamento Pedro e Inácio no que se refere em discutir as relações de gênero. Os grupos organizados sentem a necessidade de fomentar espaços de discussão, mas não há efetivação das propostas que o MST aponta.

Essa descoberta não é nova, na produção do TCC observamos também a necessidade em se debater temas no campo da cultura. Nosso TCC detectou que existem diferenças na forma de lutar por determinados aspectos. Por exemplo: os homens não queriam discutir em assembléia a questão da creche. Ao finalizar nossa pesquisa propomos que a discussão fosse levantada com toda a comunidade, pois a conquista da creche seria um benefício de todo o assentamento, e não apenas uma boa aquisição às mulheres. Seguindo essa idéia realizamos uma assembléia geral em que todos/as aderiram a luta pela creche, e como fruto do debate o assentamento organizou-se para negociar como o poder público a instalação da creche. Em 3 meses a creche foi implantada em função da união dos homens e das mulheres em negocia-la com a Prefeitura.

Os avanços no debate ainda demonstram certos limites principalmente a valorização de determinados preconceitos, no ponto que se refere à heterossexualidade obrigatória. A sexualidade aparece no MST ainda como algo vinculado à reprodução humana, não são visualizados o prazer em si, os desejos individuais e o momento de se autoconhecer.

As regras para se viver a sexualidade são quase as mesmas de um século atrás, a mudanças de valores do MST não trazem uma discussão libertária, em que os sujeitos sociais possuem autonomia para assumir seus desejos e vivenciar o prazer sem discriminação.

Este processo rumo à liberdade proposto pelo MST constitui-se numa iniciativa que ainda visa favorecer a manutenção de valores e princípios impostos pela sociedade capitalista. Esse “exército” da liberdade esbarra na família, em suas imposições ditadoras acerca da sexualidade.

Na verdade as mudanças – sob a ótica da sexualidade – são realmente mínimas e lentas diante da realidade vivida. No entanto, mesmo face às

dificuldades, devemos ter em mente que uma transformação cultural, uma mudança de valores, faz parte de um processo histórico. E esse está muitas vezes ligado a um processo de longo prazo e talvez seja esse fator que interfere na percepção de que “pouco” se muda na sociedade. A educação assume papel central no processo de transformação sócio – cultural, é importante estar ciente de que os valores que atravessam o conteúdo dos processos educativos devem estar em sintonia com a proposta de sociedade que se deseja.

No caso da Zona da Mata Norte, pudemos observar também, através de comentários dos/as co-pesquisadores/as, que a sexualidade é algo ainda intocado. Seu encontro precisa passar pelo “aval” da comunidade. A democratização de seu debate depende de grupos externos, não existindo momentos de abertura proporcionados pelo MST.

3. Uma síntese analítica dos dados

Irei aqui fazer um levantamento do que foi produzido e analisado no decorrer desta investigação de modo a sistematizar e dar ênfase às informações mais relevantes da produção.

A análise da pesquisa me levou a observar que a relação entre sexualidade/sexo/autoconhecimento está presente nos conceitos produzidos pelo GP. Algumas vezes, a dimensão deste conceito funciona como uma forma de proteção à estrutura da família.

Isto me levou a notar que os conceitos de sexualidade estão ligados ao casamento e a constituição familiar, sendo isto o que conduz à sua limitação. Por exemplo, a sexualidade apenas é percebida quando existe o desejo em experimentar o sexo, em viver com um/a parceiro/a, não há preocupação com o autoconhecimento. Esse só será possível após a vivência do sexo com o/a outro/a.

Percebi também em alguns momentos a preocupação dos/as assentados/as em manter a familiarização do espaço físico do assentamento. Seus/suas parceiros/as fazem parte do mesmo grupo e dificilmente alguém estranho possui liberdade para adentrar no assentamento. As famílias são pensadas a

partir do que se tem no assentamento. É uma forma de garantir a continuidade do grupo assentado. Por exemplo: os casais que casaram no período em que estive no assentamento moram aos fundos da casa dos pais, ou o assentamento concede uma área do espaço coletivo do assentamento. É uma forma de manter o casal no campo e garantir a continuidade.

Outro achado interessante é a ambigüidade sobre o conceito de sexualidade. Algumas vezes a sexualidade é vista como um todo, suas relações, os desejos, as mudanças do corpo, a saúde reprodutiva, as DST's etc; enquanto em outros momentos fica resumido ao ato sexual. Apesar de cada um/a ver e perceber a sexualidade de uma forma, o espaço de nossos encontros proporcionou o crescimento das conversas sobre o assunto como relata um/a dos/as participantes.

Na ponte do imaginário o obstáculo-medo é o grande causador de conflitos internos no grupo. Esses obstáculos ficam diferenciados para o homem e para mulher. No caso das mulheres, elas sofrem maiores preconceitos pois não lhes é permitido o sexo com outras pessoas. Apenas é aceitável a mulher viver o sexo com seu companheiro. Já o homem a sociedade não discrimina a vivência do sexo com diversos/as parceiros/as.

Mesmo diante de inúmeras dificuldades, a sexualidade é vista como algo bom, que proporciona a alegria e felicidade. A violência física é trocada pela paz e prazer que o sexo proporciona. Tal como afirma Marta Suplicy *viver é correr risco, sofrer de dor e gozar de prazer*. Para o GP o medo e os riscos são caminhos inevitáveis. E esse percurso é vivido no *escuro* para que ao final as *flores* façam parte do cenário da sexualidade.

Podemos observar claramente em todo momento da pesquisa que o desejo de viver a sexualidade com liberdade faz parte dos sonhos e anseios dos/as jovens. Porém, a sexualidade vem sempre acompanhada de algo não desejado: o preconceito, o medo e a violência. Isso por sua vez traz sentimentos como: a paz de encontrar uma outra razão de viver, a felicidade e o conhecimento. Considero aqui a presença constante do desejo de liberdade e o anseio de viver a sexualidade sem medos de repressão.

Assim, viver a sexualidade tem a ver com o desejo de se sentir homem e mulher valorizado/a pela sociedade, fomentando um espírito de responsabilidade e contribuindo para a completa formação do ser. Viver e experimentar a sexualidade trata-se de fazer emergir um novo homem, uma nova mulher, mesmo que ainda com valores antagônicos aos propostos pelo projeto societário do MST.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANDRADE, Eliana. **A relação entre assessores e trabalhadores rurais: limites e possibilidades de uma relação democrática**. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BARBIER, René. **A pesquisa ação na instituição educativa**. Tradução de Estela dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem comportada**. Tradução de Sérgio Milet. São Paulo: Círculo do Livro, 1958.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOITO, Armando. **Sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do MST: Escola é mais do que escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CAPPELIN, P. Viver o sindicalismo no feminino. In: **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1994.
- COLETIVO NACIONAL DE MULHERES DO MST. **Compreender e construir novas relações de gênero: Coletânea de Textos**. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 1998.
- COSTA, Hercilene M. Sociopoetizando a participação na avaliação: os significados produzidos pelos alunos de uma escola pública. 2003. (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- DEMO, Pedro. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. 159 p.
- FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GALO, Sílvio. **Pedagogia do risco**. Campinas: Papyrus, 1995.

GAUTHIER, Jacques – **Sociopoética: Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery-UFRJ, 1999.

GAUTHIER, Jacques. **Poder e Potência – Saber e Ciência: uma pesquisa sociopoética**. Salvador: NEPEC, 1999.

GAUTHIER, Jacques & SANTOS, Iraci. **A sociopoética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa**. Vivência: UERJ, 1996.

_____. /CABRAL, I. Evangelista/ SANTOS I./ TAVARES C. M. Melo. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ONG's e cidadania**. São Paulo: Cortez, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MACHADO, L. Z. Confrontos políticos e desafios intelectuais. In: **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1995.

MANÇANO, Bernardo Fernandes (org.). **Gênese e desenvolvimento no MST**. São Paulo: Ed. Peres, 1998.

MANÇANO, Bernardo. Brasil: 500 anos de luta pela terra. In: **Revista Cultural Vozes**. Volume 93 nº 02, 1996.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Construindo o caminho**. São Paulo: MST, 1986.

_____. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997. 140 p.

MEDEIROS, Leonilde Sérvalo. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MORAES, Ana Cristina. **Os desejos da participação no processo do Orçamento Participativo em Icapuí – CE: um olhar sociopoético**. 2002. (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MST. **O movimento camponês no Brasil e a luta pela reforma agrária**. São Paulo: MST, 1999.

_____. **Histórico do MST em Pernambuco**. Disponível em <http://www.mst.org.br>, 2003.

_____. **Imagens da terra: trabalho e vida nos assentamentos do MST**. São Paulo: Sonopress Rimo, 2003. CD-ROM.

PETIT, Sandra. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, Kelma S. L. & VASCONCELOS, José G. (orgs). **Registros de pesquisa em educação**. Fortaleza: LCR – UFC, 2002.

PETRAS, James & Veltmeyer, Henry. **Brasil de Cardoso: a desapropriação do país**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **La izquierda devuelve el golpe**. EUA: 1998.

PRIORE, Mary Del. **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

RUA, Maria das Graças & ABRAAMOVAY, Miriam. **Companheiras de luta ou coordenadoras de painéis: as relações de gênero nos assentamentos rurais**. Brasília: UNESCO, 2000.

SAFFIOTI, Heleith. Reminiscências, releituras, reconceituações. In: **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, nº 0, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Volume 16, nº2. Porto Alegre: julho/dezembro 1990.

SILVA, José Graziano. **O que é questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVEIRA, Gema Galgani. **O feminismo na sombra: relações de poder na CUT**. Fortaleza: UFC, 1998.

SPÓSITO, Danielly & ROGER, Robert. **O homem e a mulher coletivo sentem necessidade de lutar**. 1999. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

STÉDILE, João Pedro & MANÇANO, Bernardo. **Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

STÉDILE, João Pedro (org). **A reforma agrária e a luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

TEIXEIRA, Zuleide. **Perspectiva de gênero na produção rural**. Brasília: IPEA, 1994.

VEIGA, José Eli. **O que é reforma agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VITORINO, Grace Troccoli. **A constituição da cultura dos movimentos sociais como processo educativo: A noção de relações de gênero nos sujeitos políticos feministas**. 2002. (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

_____. Cultura dos movimentos sociais: Reflexões sobre a teia de significados do movimento feminista no Brasil contemporâneo. In: MATOS, Kelma S. L. & VASCONCELOS, José G. (orgs). **Registros de pesquisa em educação**. Fortaleza: LCR – UFC, 2002.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem: O mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1988.

ANEXOS

DIAGNÓSTICO SOCIAL DO ASSENTAMENTO PEDRO E INÁCIO –
CAMARAZAL/PE

DATA: ____ / ____ /2002

NOME DO(A) ENTREVISTADO(A):

N. DA CASA: _____ PONTO DE REFERÊNCIA:

1.RELAÇÃO COM A LUTA

TEMPO DE RESIDÊNCIA:

ANTIGO MORADOR DO ENGENHO?

PARTICIPOU DO ACAMPAMENTO?

MAIORES LEMBRANÇAS DO MASSACRE:

2. CONDIÇÕES ESTRUTURAIS

N. DE CÔMODOS _____ N. DE MORADORES:

TEM LUZ ELÉTRICA? _____ TEM BANHEIRO?

TEM ÁGUA? _____

ONDE JOGA O LIXO?

3. SITUAÇÃO ECONÔMICA

PRINCIPAIS FONTES DE RENDA:

JÁ PEDIU EMPRÉSTIMO? _____ QUAIS?

QUAIS JÁ RECEBEU?

QUANTIDADE DE HECTARES: _____

O QUE PLANTA?

COMO REPASSA SUA PRODUÇÃO?

PARTICIPA DA PRODUÇÃO COLETIVA?

SE SIM, DE QUE FORMA?

SE NÃO, POR QUE?

PARTICIPA DA COOPERATIVA?

SE SIM, DE QUE FORMA?

SE NÃO, PORQUE?
